



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (UFPB)**  
**CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES (CCTA)**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO (PPJ)**

**JOSÉ NUNES VIEIRA NETO**

**PERFIL DO CONTEÚDO JORNALÍSTICO EXIBIDO PELO GLOBO**  
**ESPORTE PARAÍBA, DA TV CABO BRANCO**

**JOÃO PESSOA-PB**

**2020**

JOSÉ NUNES VIEIRA NETO

**PERFIL DO CONTEÚDO JORNALÍSTICO EXIBIDO PELO GLOBO  
ESPORTE PARAÍBA, DA TV CABO BRANCO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do título de mestre.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Patrícia Monteiro

Defendida em \_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_

Conceito: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora – Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Patrícia Monteiro (UFPB)

---

Examinadora Interna – Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Zulmira Nóbrega Piva de Carvalho (UFPB)

---

Examinador Externo – Prof. Dr. Laerte José da Silva Cerqueira

JOÃO PESSOA – PB

2020

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

V658p Vieira Neto, José Nunes.

Perfil do conteúdo jornalístico exibido pelo Globo  
Esporte Paraíba, da TV Cabo Branco / José Nunes Vieira  
Neto. - João Pessoa, 2021.

86 f. : il.

Orientação: Patrícia Monteiro.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCTA.

1. Jornalismo. 2. Jornalismo esportivo. 3. Televisão.  
4. Valores-notícia. 5. Globo Esporte Paraíba. I.  
Monteiro, Patrícia. II. Título.

UFPB/BC

CDU 070 (043)



### ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Aos 21 dias do mês de maio de 2020, às 15 horas, foi realizada, por videoconferência, através da plataforma Google Meet®, pelo endereço eletrônico <https://meet.google.com/qsy-smhi-ekx>, em sessão pública, Banca de Defesa de Dissertação de Mestrado do aluno **JOSÉ NUNES VIEIRA NETO**, sob a matrícula 20181000869, cuja pesquisa intitula-se "**PERFIL DO CONTEÚDO JORNALÍSTICO EXIBIDO PELO GLOBO ESPORTE PARAÍBA, DA TV CABO BRANCO**", para obtenção do título de Mestre em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba.

#### AVALIAÇÃO:

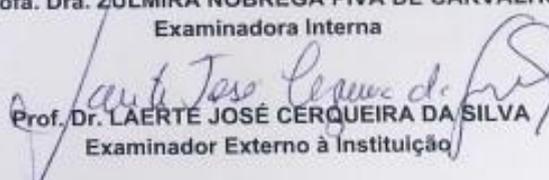
Aprovado      ( ) Reprovado      ( ) Insuficiente

As observações sobre o trabalho acadêmico encontram-se no verso desta Ata.

#### COMISSÃO EXAMINADORA:

Profa. Dra. **PATRÍCIA MONTEIRO CRUZ MENDES**  
Presidente

Profa. Dra. **ZULMIRA NÓBREGA PIVA DE CARVALHO**  
Examinadora Interna

  
Prof. Dr. **LAERTE JOSÉ CERQUEIRA DA SILVA**  
Examinador Externo à Instituição

**Observação:** A presidência da Comissão Examinadora certifica a presença e participação do Examinador Externo à Instituição.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela saúde e calma, nos períodos novos e turbulentos durante o período do mestrado. A minha esposa Angela Queiroz, pelo incentivo, alegria e amor diários. E por ser perfeita. Aos meus familiares: minha mãe, Dona Neném, que batalhou pela minha vida desde o primeiro momento e sempre acreditou em mim; meu pai, Antônio Ló, pelo amor e o apoio desde à infância para a minha educação, mesmo num lugar onde raros apostavam nela; minha irmã Rita de Cássia, pelos encorajamentos.

A Cida Queiroz, por disponibilizar seu notebook em todo o processo de qualificação e dissertação. Assim como também a ajuda de Fábio e Márcia.

À professora Patrícia Monteiro, pela presteza, comprometimento, dedicação, paciência e por se demonstrar uma excelente orientadora. Terá um futuro brilhante na UFPB.

À professora Zulmira Nóbrega que o início ajudou em sua construção.

A todos os professores do PPJ, que ao longo dessa exaustiva caminhada, geraram conhecimento na melhoria dessa empreitada.

A Mary, por todo o suporte e ajuda com as burocracias e documentos durante o mestrado.

Ao professor Laerte Cerqueira, que fez excelentes observações e indicações de caminhos a serem seguidos na pesquisa.

Aos colegas de classe e agora da vida: Amy Nascimento, que nunca trouxe tapioca ou pão para a turma, mesmo reafirmando que traria na semana seguinte; André Resende, sempre acariciando o queixo ao falar de temas "cabeças; Andrea Batista, por nos inspirar pela sua competência e profissionalismo na academia e fora dela; Adriana Bagno, por sempre nos informar sobre as decisões do PPJ, uma excelente representante; Joana Rosa, por nos incentivar a participar corrida de rua ouvindo alguma MC quem bombava no Youtuber. Laura Luna, por sempre estar perguntando se tal pessoa faleceu ou não; Suely Porfírio, por demonstrar mais uma vez, que os melhores conteúdos estão nos menores frascos; Irine Sá, por nos ensinar que dá para conciliar a vida de balada com uma exímia vida de estudante; Camila Bezerra, por seus sarcasmos inteligente e bom-mau-humor diários na turma do fundão; Saulo Queiroz, pela elegância, eloquência, cultura e humildade, mesmo sendo ele uma figura distinta; Thiago Marques, só por ser vascaíno já bastaria, mas ainda é o pior-melhor imitador do inominável; Fabiano Diniz, por sua voz articulada, cavalheirismo e amor às artes, em tempos tão sombrios e, finalmente, mas nem por isso menos importante, Ênio

Marx, um exemplo de obstinação, exemplar nos estudos, ético na profissão e um guerreiro na vida que brilhará num futuro não tão distante.

*A lição é a seguinte: nunca desista, nunca, nunca, nunca. Em nada. Grande ou pequeno, importante ou não. Nunca desista. Nunca se renda à força, nunca se renda ao poder aparentemente esmagador do inimigo.*

Winston Churchill

## **RESUMO**

Esse trabalho aborda o jornalismo esportivo da TV Cabo Branco, analisando o material jornalístico produzido pelo Globo Esporte Paraíba. O objetivo é fazer um perfil do conteúdo jornalístico deste programa de televisão, tendo como base elementos das teorias do jornalismo e os valores-notícia adotados na escolha dos diferentes formatos exibidos. Para isso, analisamos os conteúdos veiculados no mês de agosto de 2019. Para a realização dessa fase foram utilizadas, como metodologia: observações e entrevistas semi-estruturadas e estruturadas com profissionais envolvidos no processo de produção, além de análise de conteúdo. Frente ao exposto é possível concluir que a produção de notícias do Globo Esporte, está seguindo um modelo longo e ainda muito em uso no País, principalmente no Globo Esporte da rede, que é direcionar, em sua maioria, a produção de material relacionada ao universo do futebol e dividir o restante do tempo para os demais esportes. Há também um esforço de buscar nas pautas temas curiosos, marcas importantes, situações inusitadas, características também herdadas do Globo Esporte nacional.

**PALAVRAS-CHAVES:** Televisão; Jornalismo Esportivo; Valores-notícia. Globo Esporte Paraíba.

## **ABSTRACT**

This assessment surrounds the sports journalism of Cabo Branco TV, analyzing the journalistic footage produced by Globo Esporte Paraíba. The aim is make a profile of the journalistic content of this TV show, having as a base elements of journalism theory and the value news adopted in the choose of the many different formats displayed. For it, we analyze the content aired on August 2019. For the realization of this step we use as methodology: observation and interviews semi-structured interviews with professionals involved in the production process, beyond the content analyzed. In view of the spoused is possible conclude that the production of the Globo Esporte new, is following a model longevous and still very much use in the country, principally in the Globo Esporte of the network, that is directed, in your major, the content production related in the soccer universe and split the rest of the time for other sports. There is also an effort to search the topics for curious topics, important achievements, unusual situations, characteristics also inherited from Globo Esporte national.

**KEYWORDS:** Television; Sports Journalism; News Values. Globo Esporte Paraíba.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>07</b>
<b>2. JORNALISMO E VALORES-NOTÍCIAS .....</b>	<b>10</b>
<b>3. JORNALISMO ESPORTIVO .....</b>	<b>20</b>
3.1 JORNALISMO ESPORTIVO NA TELEVISÃO .....	26
3.2 GLOBO ESPORTE NACIONAL .....	35
3.3 GLOBO ESPORTE DA TV CABO BRANCO.....	41
<b>4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>44</b>
4.1 AS PRIMEIRAS IMPRESSÕES DA AMOSTRA .....	51
4.2 ALGUMAS CARACTERÍSTICAS COMEÇAM A SE DESTACAR .....	54
4.3 FUTEBOL, CABO BRANCO E REPORTAGEM DITAM O RITMO DO JORNALÍSTICO .....	58
4.4 A EQUIPE DO GE BUSCA E QUER DEMOCRACIA, MAS O FUTEBOL É PAUTA DOMINANTE.....	62
4.5 SEM FUTEBOL COMO PAUTA, O TEMPO DE PRODUÇÃO DO GE “CAI PELAS TABELAS” .....	65
4.6 ENTREVISTA E ANÁLISES .....	70
<b>5. CONCLUSÃO.....</b>	<b>74</b>
<b>6. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>77</b>
<b>7. APÊNDICES .....</b>	<b>82</b>



## 1. INTRODUÇÃO

Todas as afiliadas da TV Globo recebem das “cabeças de rede”, denominação dada à emissora que gera o conteúdo para todas as demais, espaços maiores ou menores na grade para veiculação da programação local. No caso do Globo Esporte, da TV Cabo Branco, que também é exibido pela TV Paraíba, a “cabeça” é o Globo Esporte Nacional, produzido no Rio de Janeiro, e o tempo de duração do Globo Esporte, da TV Cabo Branco, fica entre 10 a 12 minutos.

E nesse espaço de tempo, a produção local deve condensar as principais notícias de cunho esportivo que mereçam relevância no âmbito regional e estadual e exibi-las. Nesse processo de filtrar e definir quais fatos se tornarão reportagem se aplicam os valores-notícias, processo que norteia cada organização jornalística. Tais valores podem ser estabelecidos como perspectiva que permitem a identificação de algo como potencial fato noticiável, viável de ser noticiado, passível de despertar interesse do público (GUERRA, 2014). Assim sendo, valores-notícias e critérios de noticiabilidade são mecanismos utilizados por jornalistas com o objetivo de detectar e começar o processo construção de fatos em notícias.

De acordo com Silva (2014), o que é considerado trivial possui pouco valor informativo. Ele enumera que fatos que mereçam ser noticiados são os de cunho prodígios e monstruosidades, as obras e situações insólitas da natureza e também da arte, assim como os desastres naturais e as descobertas recentes.

Walter Lippman, em 1922, em obra inaugural, *Opinião pública*, elege como atributos: clareza, surpresa, proximidade geográfica, impacto e conflito pessoal. Em 1959, Fraser Bond publica *Introdução ao jornalismo*, no qual destaca entre as características sua capacidade de despertar o interesse da atenção do público (SILVA, 2014 p.60).

Qualquer empresa, sendo ela jornalística, comercial ou de outra área, tem como objetivo atrair um público que permita sua sustentabilidade financeira. E no caso da televisão, os anunciantes miram a fidelidade e nível de audiência de cada canal ou programa para melhor anunciar seu produto. Nesse contexto, o interesse do público é de suma importância. Guerra (2010) diz que, através dos tempos, o interesse presumido das pessoas sobre determinados tipos de acontecimentos tem orientado a produção jornalística.

E assim como qualquer outra empresa, as de jornalismo, têm custos como salários, contratação (de jornalistas e de outros profissionais), investimento e manutenção em

melhorias de equipamentos. Por isso, tais custos interferem no produto final.

Diante do exposto, o objetivo central desta pesquisa é fazer um perfil das reportagens exibidas pelo Globo Esporte, da TV Cabo Branco. Temos como objetivo específico entender quais são os critérios de noticiabilidade e valores-notícias das rotinas produtivas, os critérios para seleção das notícias, os temas locais tratados e saber qual o processo produtivo das notícias desde a seleção do acontecimento até a exibição no programa de TV. Após a identificação desses dados, nós analisamos e interpretamos os resultados para obtermos um retrato desse processo. Nesse sentido, a dissertação foi organizada em cinco capítulos.

Na primeira parte desta pesquisa foi realizado um levantamento teórico da relação entre jornalismo e valores-notícias, a importância e tipos de entrevistas usadas numa pesquisa, a análise de conteúdo, para que assim possamos entender quais os fatores, critérios e mecanismos tornam um acontecimento do cotidiano numa notícia. E dentro desse contexto, iremos diferenciar os conceitos de valores-notícias e os critérios de noticiabilidade.

No capítulo seguinte, falamos sobre como o jornalismo esportivo surgiu no Brasil, desde seus primeiros passos ocupando as lacunas vazias dos jornais impressos, onde os primeiros acontecimentos esportivos foram elevados à categoria de notícia impressa apenas para preencher os espaços vazios dos jornais quando já não havia conteúdo necessário das demais editorias para preencher todo o espaço das folhas do jornal. Fizemos ainda uma explanação da chegada ao das notícias esportivas no rádio, além de um histórico do início do jornalismo esportivo na televisão com características que reverberam até os dias atuais, como por exemplo, uma postura não muito formal, em busca uma aproximação com o público, programas com leves toques de humor, irreverência ao narrar as partidas de futebol.

No terceiro capítulo fizemos um recorte das vinte e quatro edições do mês de agosto de 2019 do Globo Esporte, da TV Cabo Branco, para assim analisarmos o conteúdo do programa, bem como os formatos de sua produção e as modalidades de esportes abordados. Identificamos os critérios de noticiabilidade e valores-notícias que direcionam a escolha das reportagens. Ainda no mesmo capítulo, fizemos um levantamento histórico do Globo Esporte nacional e o da Paraíba.

O material que colhemos para esta pesquisa foi submetido a análise de conteúdo, esta metodologia foi apresentada no capítulo quatro. Levamos em conta que esta metodologia é a mais apropriada para nos indicar quais temas estão sendo agendados,

quais formatos são utilizados e quais esportes aparecem com maior frequência, traçando, assim, o perfil do conteúdo jornalístico que é exibido no Globo Esporte Paraíba.

Por fim, após apresentar a metodologia, tratamos de todo o material analisado e dialogamos com o que foi obtido por meio de entrevista semi-estruturada e presencial com o Exedito Madruga, e com Lucas Barros e Mário Aguiar usamos o método de entrevista estruturada e online. Os três profissionais desempenham papéis importantes na construção do material produzido pelo Globo Esporte Paraíba, pois Exedito Madruga é coordenador de esportes da Rede Paraíba e editor-chefe do Globo Esporte, Lucas Barros é o repórter das pautas de João Pessoa e Mário Aguiar o responsável pela cobertura do acontecimentos em Campina Grande, respectivamente as duas maiores cidades da Paraíba, tanto no aspecto econômico quanto no aspecto esportivo.

Afinal, o que é exibido no Globo Esporte Paraíba? O que determina que um evento esportivo se torne notícia? E se foi noticiado, como foi e quais os motivos? A partir das teorias de jornalismo foi possível buscar respostas para estas questões. Assim, iremos percorrer os critérios jornalísticos adotados na produção do Globo Esporte da TV Cabo Branco para entender quais os mecanismos usados e quais as fases existentes da captação à transmissão das notícias.

## 2. JORNALISMO E VALORES-NOTÍCIAS

O que torna um acontecimento mais atrativo para o jornalismo? Quem decide o que é notícia? São questões que norteiam a prática jornalística desde os primeiros tempos. O jornalismo é considerado um meio de conhecimento e uma importante via de acesso à realidade. A prática jornalística se firma como uma forma social de conhecimento e o jornalista assume a função de contar e contextualizar o mundo no qual está inserido. Logo, o fazer jornalismo não apenas constrói as narrativas sobre uma determinada realidade social, mas se insere nas transformações dessa mesma sociedade que a registra e a interpreta. Para Traquina (2012), o jornalismo é um conjunto de histórias de vida e que os jornalistas são os contadores destas histórias da sociedade contemporânea.

Podemos entender por jornalista, o profissional que atua entre o leitor e o acontecimento, selecionando e minimizando a distância entre os mais importantes acontecimentos do dia a dia e a sociedade. Segundo Sousa (2002), várias definições certificam o jornalismo sendo um produtor e circulador de sentidos; uma esfera de conhecimento comum; uma rede informacional na construção social da realidade; um agente institucionalizante da sociedade como realidade objetiva; um elemento constituído e constituinte da esfera pública; um canal de mediação da história e cultura da vida cotidiana; um lugar de compartilhar saberes e mobilizar consensos. A definição de jornalistas, para Traquina, é que eles “são participantes ativos na definição e na construção das notícias, e, por efeito na construção da realidade” (TRAQUINA, 2012, p. 26).

Então, em mãos com tamanho poder e responsabilidade, o jornalista se torna um dos profissionais que teria condições privilegiadas de interferir na dinâmica da sociedade. Não que sua atuação se resuma apenas a isso, viver neste dilema, mas enumeramos uma das maneiras possíveis de compreender a função e importância do jornalista, que pode ser desempenhado na prática ou não, de acordo com os constrangimentos empresariais, editoriais e de produção que cada profissional está inserido.

Essa visão de que o jornalismo faz a interlocução e diálogo com a sociedade existe, pois, os produtos jornalísticos se tornaram um dos mais importantes fontes de referência, informação e debate de questões sociais relevantes. Por isso, a sociedade pressupõe que a credibilidade do jornalismo está na maneira ética e fiel de reproduzir os fatos, de sua construção da notícia.

O produto do jornalista, a notícia nasce da interação entre a realidade perceptível, os sentidos que permitem ao ser humano “apropriar-se” da realidade, a mente que se esforça por apreender e compreender essa realidade e as linguagens que alicerçam e traduzem esse esforço cognoscitivo. A notícia contenta-se em representar parcelas da realidade, independentemente da vontade do jornalista, da sua intenção de ver. “O papel central do jornalismo, na teoria democrática, é informar o público sem censura” (TRAQUINA, 2012, p. 22).

Numa definição de notícia dada por Sousa (2002), o autor afirma que uma notícia é um artefato linguístico que representa determinados aspectos da realidade, resulta de um processo de construção onde interagem fatores de natureza pessoal, social, ideológica, histórica e do meio físico e tecnológico, é difundida por meios jornalísticos e comporta informação com sentido compreensível num determinado momento histórico e num determinado meio sociocultural, embora a atribuição última de sentido dependa do consumidor da notícia.

E para um acontecimento, numa determinada localidade, se tornar uma notícia divulgada por um determinado meio de comunicação, seja uma empresa de rádio, portal de notícias ou televisão, há o processo de procura por tais acontecimentos e uma filtragem, por parte dos jornalistas, para saber quais fatos irão ganhar destaque, e se tornar uma notícia, e quais acontecimentos serão esquecidos. Para esse processo, dá-se o nome de critérios de noticiabilidade.

Conhecer os métodos e procedimentos dos critérios de noticiabilidade nos faz entender como ocorre esse processo de inclusão e exclusão dos acontecimentos pelos jornais e jornalistas. Assim, os critérios de noticiabilidade exercem a função de distinguir, na rotina das empresas de comunicação, a importância dos acontecimentos e elevá-los à categoria de notícia.

“os valores-notícia de seleção referem-se aos critérios que os jornalistas utilizam na seleção dos acontecimentos, isto é, na decisão de escolher um acontecimento como candidato à sua transformação em notícia e esquecer outro acontecimento” (TRAQUINA, 2012, p. 75).

Então, a atividade do jornalista se baseia em parâmetros de relevância, os quais vão depender de uma série de condições, “sejam elas culturais, institucionais, organizacionais ou qualquer outra, que se combinam numa determinada forma, a dos valores-notícia de referência” (GUERRA, 2014, p.47). Logo, noticiar um acontecimento significa apresentar fatos úteis, com critérios de seleção. O leitor também avalia que a informação requer atributos: deve ser imparcial, objetiva, antecipada, completa, clara e

verdadeira. Por isso,

“o ‘interesse do leitor’ passa a orientar a produção considerado aqui não como a mera concessão dos editores ao ‘gosto do público’. O que se pretende afirmar é que essa adequação é uma condição necessária para que se estabeleça o vínculo entre produtores de informação jornalística e sua audiência, sem o qual nenhum outro tipo de relação poderia se estabelecer, seja lá de que tipo for” (GUERRA, 2014 p .42).

Autores como Wolf e Traquina usam o valor-notícia como característica dos acontecimentos, e usam o critério de noticiabilidade quando se referem não só aos fatos, mas também a elementos e condições em que são percebidos e analisados. O valor-notícia é um dos critérios envolvidos na noticiabilidade. (MOREIRA, 2006).

Segundo Wolf (2008), os estudos de critérios de noticiabilidade e valores-notícia surgiram na busca do entendimento do que é notícia. P a r a i s s o , os pesquisadores desenvolveram teorias, e estudaram fatos para tornar a resposta mais fidedigna à realidade possível.

Às vezes nos perguntamos qual o motivo de um programa jornalístico possuir sempre o mesmo tempo de duração, visto que a cada dia surge um acontecimento diferente do dia anterior, em maior ou menor importância para aquela determinada população que o programa se dirige.

Assim, o espaço disponível para informação, ou seja, as notícias, é, antes de mais nada, determinado pela publicidade. Na televisão, a publicidade impõe, sobretudo, a lógica das audiências, seguindo a lógica “mais audiências, mais receitas publicitárias”. Assim sendo, sendo o conteúdo noticioso do jornal televisivo pode ser influenciado pela dimensão econômica (TRAQUINA, 2012 p. 158).

Antes de um acontecimento se tornar uma notícia, um jornalista analisa e filtra diariamente uma quantidade indefinida de fatos ocorridos e faz a seleção do que se tornará noticiável. Para isso, esse profissional faz uso de uma série de critérios e ferramentas que lhe foi passado tanto na academia, por outros profissionais e também pela empresa emue trabalha, já que esses critérios e ferramentas são diferentes em cada empresa. Os critérios de escolha também são definidos pelos acontecimentos do cotidiano.

É sempre necessário lembrar que o jornalismo é uma prática coletiva, que funciona também com uma diversidade de atores não-jornalistas. Cada um deles, jornalistas ou não, compartilha parte do sistema de convenções do mundo dos jornalistas, onde inclui-se os critérios de noticiabilidade, o que permite estabelecer as bases de sua

cooperação com a processo de produção do noticiário.

Para Silva (2005), os critérios de noticiabilidade vão mais adiante do conjunto de atributos associados a um acontecimento capaz de ser noticiado. Porém não se pode ater-se o entendimento deste conceito à capacidade de seleção e julgamento dos jornalistas. Enquanto parte do sistema de convenções, os critérios de noticiabilidade baseiam-se na materialização de uma série de acordos, mais ou menos estáveis, que concordam em estabelecer e coordenar os alicerces de colaboração entre os mais variados participantes do mundo dos jornalistas na escolha do que é noticiado.

É no percurso dessa longa cadeia produtiva da notícia que devemos investigar a rede de critérios de noticiabilidade, compreendendo noticiabilidade como todo e qualquer fator potencialmente capaz de agir no processo da produção da notícia. (SILVA, 2005)

Cada acontecimento possui uma relevância distinta para quem tem acesso à informação, por isso, durante todo o processo de construção de uma reportagem, por exemplo, da produção à apresentação ao público, os valores-notícias, que fazem parte do critério de noticiabilidade, estão espalhados em todo o processo de construção para que avalie o acontecimento e mensure se deve ou não ser noticiado e quais os pontos devem ganhar destaque ou devem ser diminuídos. Por assim dizer, os valores-notícias são as referências de qualidade de um acontecimento.

Mauro Wolf (2008), Golding; Elliott (1979) e Gans (1979) defendem a ideia que a notícia é construída com a junção dos critérios de noticiabilidade, que são formados pelos denominados valores-notícia. Assim, para que um determinado acontecimento se torne uma notícia, é fundamental que a sua construção em notícia seja trilhada determinados requisitos, e conseqüentemente, possua noticiabilidade. É comum que muitos autores façam uma desordem entre os critérios de noticiabilidade de valores-notícia.

Os autores que trabalham com critérios de noticiabilidade tendem a uma visão mais objetiva do processo produtivo da notícia, como se fosse possível uma nítida separação entre o fato e o jornalista. (...) Já os autores que tratam a seleção de notícias a partir da noção de valor-notícia tendem a admitir o pertencimento mútuo entre o jornalista e o fato (...) (MOREIRA, 2006, p. 39).

A notícia é resultante de procedimentos complexos que se utilizam de critérios de escolha e seleção, que são os critérios de noticiabilidade. A noticiabilidade é definida pela convergência de valores agregando fatores que tornam o fato suscetível a tornar notícia. Esses critérios não trabalham de maneira isolada no processo de seleção das

notícias. Mas de forma conjunta e combinadas para classificar um acontecimento como uma notícia, sendo assim, os valores-notícias são parte da rotina de trabalho de um jornalista.

A noticiabilidade é constituída pelo complexo de requisitos que se exigem para os eventos – do ponto de vista da estrutura do trabalho nos aparatos informativos e do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas –, para adquirir a existência pública de notícia (WOLF, 2008, p.195).

Durante os primeiros passos do jornalismo, no século de XVII, o jornal, evidentemente, não era da forma como é concebido atualmente. Na Europa existiam as chamadas “folhas volantes”, que não possuíam nenhuma regularidade em suas tiragens, e que em sua grande maioria era dedicada a noticiar os discursos do rei, homicídios, terços, fatos milagrosos e guerras. O valor-notícia dessa época era o que destoava da realidade. O critério de notoriedade à época, era levando em consideração quem sofreu/causou a notícia. Isso se justifica pois grande parte do que era noticiado tratava de pessoas detentoras do poder.

Os critérios de noticiabilidade, apesar de as mudanças ao longo da história do jornalismo, percorrem uma linha quase que idêntica, pois fazem uso das notícias que atraem um poder de disseminação e decorrência maiores para a população. Dentre essa linha quase idêntica, são utilizados valores tais como governabilidade, crimes, escândalos e entretenimento.

Os critérios de noticiabilidade são os principais mecanismos usados pelos jornalistas no momento de adotar os fatos sociais que irão alcançar a condição de notícia, e de que maneira deverão ser apresentados ao público. Segundo Wolf (2008) o conceito de noticiabilidade, pode ser entendido como

o conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os aparatos de informação enfrentam a tarefa de escolher cotidianamente, de um número imprevisível e indefinido de acontecimentos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias (WOLF, 2008, p.196).

Wolf argumenta que os principais critérios para analisar a capacidade de um acontecimento quanto a sua noticiabilidade são os critérios substantivos, disponibilidade do produto, características do meio de informação, características do público e concorrência.

Para Wolf os critérios substantivos são divididos entre a importância do acontecimento e o interesse da notícia. O primeiro é o nível hierárquico dos indivíduos envolvidos no acontecimento, que para ele se refere ao nível de repercussão de acontecimentos em torno de personalidades como artistas, esportistas e políticos, que

referencia a importância do acontecimento. O segundo nível é a comoção sobre um país sobre um fato que causaria, como desastres naturais, conflitos, tragédias e outros. O terceiro nível fala que quanto maior o número de pessoas envolvidas num acidente ou quanto maior for a presença de pessoas “importantes” numa ocasião formal, maior será a visibilidade desses acontecimentos e, conseqüentemente, maior será o seu valor-notícia. Já o quarto fator apontado por Wolf fala sobre a importância de um acontecimento quanto aos seus desdobramentos futuros. Como por exemplo a convocação de um jogador té então desacreditado por parte da imprensa especializada e do público em geral e num futuro ele ser o responsável pela conquista de um título.

Quanto ao interesse da notícia, Wolf afirma que esse é um critério que avalia se a notícia interessa ao público a quem se dirige. Se o fato é peculiar, único ou inédito, é muito provável que a informação interesse ao público. Um exemplo, são os casos de pessoas que pagam cursinho preparatórios para o vestibular vendendo jujubas em ônibus ou nas paradas dos semáforos.

A disponibilidade do produto, quase que autoexplicativa, se refere à acessibilidade da equipe de jornalismo tem com fonte do acontecimento. O fator características do público leva em consideração a imagem que o jornalista, produtor ou a equipe de jornalismo tem do público a quem ele se dirige.

No fator da concorrência, a empresa analisa se as empresas concorrentes terão o mesmo assunto em seus respectivos jornais. Wolf diz que quando uma emissora tem acesso a uma entrevista exclusiva, isso a torna um grande valor-notícia. Quanto ao fator relativo ao meio, Wolf enumera valores-notícias referentes ao tipo de mídia. Esse critério é muito usado em telejornais, pois o primordial nessa modalidade de noticiário é a disponibilidade de material visual a ser utilizado nas reportagens.

É importante entender que ao usar esse modelo, o jornalista faz uso de um leque variável e adaptável conjunto de elementos que são formados pelas opiniões pessoais dos jornalistas, estrangimentos organizacionais; qualidade do material à disposição do repórter; a relação do meio de comunicação com as fontes e com o público, além de circunstâncias econômicas, políticas e sociais.

Todos os elementos agem de forma conjunta no processo de produção das notícias, e são colocados na balança dos jornalistas, participando da inclusão ou exclusão dos acontecimentos à "prateleira" de notícias ou não. Um dos elementos colocados na balança dos jornalistas no momento de alçar os acontecimentos em notícias são os

valores-notícia. Em síntese, os valores-notícia dizem respeito à qualidade que os acontecimentos possuem para se tornarem notícias.

Assim, ao selecionar e tornar notícia um determinado acontecimento, os jornalistas realizam essa tarefa tendo em mente certos significados que, possivelmente, são compartilhados por toda uma determinada sociedade, seu público alvo. Sendo assim, os jornalistas necessitam apresentar as notícias, dentro desses significados compartilhados, aquilo que é “certo” ou “errado”, o “criminoso” e a “lei”, o “bem” e o “mal”, a “celebridade” e o “cidadão comum”, e assim por diante (WOLF, 2008).

Os valores-notícia agem dentro desse processo como fórmulas que dão assistência aos jornalistas vislumbrarem e transformarem os acontecimentos em notícias nas quais o público elegeu como de seu interesse. Para cumprirem tal tarefa, as empresas jornalísticas são obrigadas a elaborarem estratégias que tornem possível a execução do seu trabalho. Afinal de contas, “sem uma certa rotina de que se possa valer para fazer frente aos acontecimentos imprevistos, as organizações jornalísticas, como empreendimentos racionais, faliriam” (TUCHMAN, 1983, p.163).

Vários estudiosos de comunicação já debateram sobre o assunto. O que ocasionou uma série de teorias que funcionam como explicação para o fenômeno da transubstanciação do fato real em fato jornalístico. A teoria do Gatekeeper põe sob responsabilidade dos jornalistas essa decisão. Assim, é o jornalista o responsável por decidir se deixa uma informação passar ou não por esse filtro. Após essa fase, os acontecimentos se tornam notícia. Mas segundo Traquina (2012), esta teoria expõe apenas uma visão parcial do processo, uma vez que

A teoria do Gatekeeper analisa as notícias apenas a partir de quem as produz: o jornalista. Assim, é uma teoria que privilegia apenas uma abordagem micro sociológica, ao nível do indivíduo, ignorando por completo quaisquer fatores macrosociológicos, ou mesmo micro sociológicos como a organização jornalística (TRAQUINA, 2012, p.151)

Com isso tudo dito, podemos afirmar que a noticiabilidade está ligada com os modelos de rotinas das práticas jornalísticas. É por meio da noticiabilidade que empresas de comunicação monitoram e fabricam a quantidade e o tipo dos acontecimentos. Os valores-notícias estão presentes por todo o percurso de produção da notícia, não estando presentes apenas na seleção dos acontecimentos, por isso, são um componente da noticiabilidade. Além disso, os valores-notícias também estão presentes após a seleção e construção da notícia, pois uma notícia que não ganhará muita reverberação junto ao

público dificilmente será apresentada com destaque no impresso, rádio, televisão ou portal.

Por isso, devemos expandir as possibilidades para assim vislumbrarmos os demais fatores que transformam um acontecimento numa notícia. Os critérios de noticiabilidade são construídos com base em aspectos tais como valores-notícias, audiência, rotina de produção, constrangimentos profissionais e organizacionais, como já dito. Pena (2008) explica que a noticiabilidade é um dos objetos de estudo da teoria do Newsmaking

Ela é um conjunto de critérios, operações e instrumentos para escolher entre inúmeros fatos uma quantidade limitada de notícias. A noticiabilidade é negociada por repórteres, editores, diretores e outros atores do processo produtivo na redação. Sua aplicação baseia-se nos valores-notícia, que são os tais critérios e operações são significativos e interessantes para serem transformado (PENA, 2008, p. 130; 131).

Os valores-notícias servem para organizar o trabalho dos jornalistas no processo de construção do que será utilizado ou não em um determinado noticiário. Pois cada acontecimento possui seu grau de importância. Isso não quer dizer que a construção de notícias siga uma receita de bolo ou uma fórmula em que se encaixa um determinado acontecimento e de lá se tira uma reportagem, mas serve como norte de princípios que provavelmente atenderá a demanda do que é mais relevante para o público-alvo.

“Os valores-notícia são qualidades dos acontecimentos, ou da sua construção jornalística, cuja presença ou cuja ausência os recomenda para serem incluídos num produto informativo. Quanto mais um acontecimento exibe essas qualidades, maiores são as suas possibilidades de ser incluído” (WOLF, 2008, p. 196).

Ao descrevermos os critérios de noticiabilidade que guiam a sugestão e o aproveitamento do material produzido pelo Globo Esporte da TV Cabo Branco, iremos usar como referência o quadro de valores-notícia elaborado por Marcos Paulo da Silva segundo a perspectiva de Mauro Wolf e Nelson Traquina. (DA SILVA, 2014 p. 82). Assim, os valores-notícias auxiliam para tornar executáveis as rotinas de trabalho do jornalistas. Nessa conjuntura, as atividades produtivas ganham definição, executam a sua funcionalidade e se tornam componentes tidos como certo.

**Figura 1: Ordenação dos valores-notícia encontrados no jornalismo segundo a perspectiva de Mauro Wolf e Nelson Traquina**

Valores-notícia de seleção: critérios substantivos	Valores-notícia de seleção: critérios contextuais	Valores-notícia de construção
Notoriedade	Disponibilidade	Simplificação
Proximidade	Equilíbrio	Amplificação
Morte	Visualidade	Relevância
Relevância	Concorrência	Personalização
Notabilidade	Dia Noticioso	Consonância
Tempo		

**Fonte: Elaborado por Marcos Paulo da Silva a partir de Traquina (2012) e Wolf (2008)**

Traquina (2012) pontua que existem dois pólos jornalísticos: o primeiro é o ideológico, que atua como prestação de serviço público, e o segundo é o econômico, que valoriza os interesses comerciais das empresas jornalísticas. Quando o produto prioriza os valores comerciais, a tendência é que o conteúdo, ou seja, as notícias busquem apenas satisfazer a curiosidade do público, atendendo o interesse da audiência e não o que o espectador ou leitor precisa de fato saber.

O valor-notícia faz parte de uma construção cognitiva que prevê quais os eventos entrarão para mídia e como serão cobertos. É importante reconhecer que os eventos não possuem um valor inerente. Os critérios de noticiabilidade de cada jornalista podem ser influenciados e determinados pelos valores que eles mesmos criam das notícias através do tempo nas redações. De acordo com Silva (2014), esses critérios podem envolver:

Características do fato, julgamentos pessoais do jornalista, cultura profissional da categoria, condições favorecedoras ou limitantes da empresa de mídia, qualidade do material (imagem e texto), relação com as fontes e com o público, fatores éticos e ainda circunstâncias históricas, políticas, econômicas e sociais (SILVA, 2014, p. 52).

Assim, a notícia será construída através do caminho percorrido da informação primária que atravessa os “portões” de seleção até chegar ao público como notícia. Os jornalistas avaliam e decidem o grau de relevância do acontecimento para a sociedade por meio de seus critérios, e/ou por meio dos critérios das empresas em que trabalham, que colaboram com a seleção ou não das reportagens “construção” da notícia.

Os valores “constituem a resposta à pergunta seguinte: quais os acontecimentos que são considerados suficientemente interessantes, significativos e relevantes para

serem transformados em notícias?”(WOLF, 2008, p. 173). O processo de gatekeeping começa quando um profissional da comunicação transforma a informação sobre um evento em uma mensagem.

A seguir, iremos conhecer um pouco da trajetória do jornalismo esportivo no Brasil. Desde sua chegada ao impresso, para preencher espaços vazios, até sua afirmação com a chegada de diversos programas esportivos nas rádios, televisões e de canais de TV por assinatura voltados em sua totalidade para notícias esportivas.

### 3. JORNALISMO ESPORTIVO

Para falarmos sobre o telejornalismo esportivo brasileiro, antes temos que abordar brevemente a trajetória de todo o processo que permitiu a existência da editoria, para que assim possamos entender o surgimento de alguns de seus padrões e de suas características que direcionam as coberturas esportivas até os dias de hoje.

Stycer (2009) afirma que a imprensa brasileira começa a tomar forma no final do século XIX, e já nas primeiras décadas do século XX, juntamente com a popularização do futebol, a imprensa esportiva começa a ganhar seu próprio estilo, diferenciando-se das demais editorias.

Não demorou muito para que as notícias esportivas chegassem às ondas do rádio. E no rádio, houve uma série de experimentos na maneira em que a notícia era tratada e transmitida, seja mais informativa ou mais próxima em aspectos que aflorassem o lado humano dos atletas (paixões, escândalos, vícios). Assim, a imprensa esportiva brasileira construiu seu próprio repertório, suas estratégias de aproximação com o público, que foram se transformando ao longo das décadas.

Este capítulo irá mostrar a trajetória e a influência que o jornalismo esportivo brasileiro sofreu no jornalismo impresso, no rádio e na sua chegada à televisão. Serão levantados aspectos presentes em cada veículo, levando em conta as naturais adaptações e peculiaridades, dentro do contexto temporal, e que podem ser verificadas até hoje.

De acordo com Bahia (1990), o surgimento do jornalismo esportivo brasileiro ocorreu em 1856, com o jornal O Atleta, que informava métodos para o aprimoramento físico dos habitantes do Rio de Janeiro. Após o marco do surgimento do jornal O Atleta, surgiram O Sport, em 1885, e O Sportsman, em 1891. Já em 1898 nasceu a revista O Sport e o jornal A Gazeta Sportiva, periódico de distribuição gratuita que circulava somente aos domingos, na cidade de São Paulo.

Antes da popularização do futebol, eram o turfe e remo, principalmente, os principais destaques esportivos nos jornais. À época, em meio ao processo da chegada das novidades industriais, economia em mudança, elevadas taxas de urbanização, os jornais de São Paulo não viam o futebol como prioridade.

Emplacar pautas relacionadas ao futebol naquele cenário de São Paulo era muito difícil. Mas fechar os olhos para o crescimento do futebol nas várzeas parecia um grave erro de avaliação dos responsáveis pelos principais jornais da época. Porém, como a elite também imperava nas redações, a criação da primeira Liga do Futebol Paulista, no final de 1901,

com apenas cinco clubes da elite, virou notícia (RIBEIRO, 2007, p.23).

Não que isso fomentasse uma difusão das notícias, visto que eram poucos os que tinham condições de adquirir um jornal, financeiramente, e a lê-lo. E foi apenas no ano de 1922 que os grandes jornais deram espaço às notícias esportivas sobre lances de futebol. Somente cinco anos mais tarde, fora criada, em São Paulo, a Associação dos Cronistas Esportivos, um demonstrativo de que o jornalismo esportivo crescia e que os agentes desta editoria já pensavam em se organizar.

Não se tratava de periódico voltado para as elites, não formava opinião, mas atingia um público cada vez mais numeroso na São Paulo da época: os italianos. Um aviso não muito pretensioso de uma das edições chamava-os a fundar um clube de futebol. Foi assim que nasceu o Palestra Itália, que se tornaria Palmeiras, décadas mais tarde (COELHO, 2003, p. 08).

À medida que a imprensa esportiva se desenvolvia, tornou-se necessária a criação de um vocábulo nacional, principalmente sobre o futebol, já que se ela usava muitas expressões em inglês. Tal iniciativa não foi ao acaso. Com isso, buscou-se primeiramente a nacionalização do esporte. E por tabela, conquistar leitores dentre a parcela de brasileiros alfabetizados. Para Guerra (2008), essa nova mentalidade permitiu e atraiu o torcedor de classes sociais menos favorecidas a entender o jogo e começasse a frequentar os estádios de futebol, mesmo ficando apenas no alambrado, já que as arquibancadas eram reservadas à elite. As próprias matérias que noticiavam os acontecimentos esportivos davam destaque à distinção e à elegância das senhoras e dos cavalheiros que iam apreciar, da arquibancada, às partidas de futebol. De acordo com Ribeiro (2007, p.27), “o tema futebol servia como manobra para cronistas imporem sua visão ideal de sociedade e ‘expor o antagonismo entre as equipes’, o pobre e o rico, o colonizador e o colonizado”.

O próprio futebol estava inserido nessa visão dualista entre o bem contra o mal, rico contra pobre.

Pelos primeiros artigos publicados sobre futebol nos jornais e revistas, ficava clara a divisão do esporte em dois grupos. De um lado, os filhos de boa família, e do outro, os varzeanos humildes. Os primeiros eram considerados dignos representantes do foot-ball, importado da Europa, e os outros vistos como “brutos, incapazes de seguir as regras de conduta, ridicularizados muitas vezes pelos jornalistas como um bando de jogadores que davam chutões para o alto”, sendo chamados de “canelas negras” (RIBEIRO, 2007, p. 27).

Segundo Stycer (2009), o jornalismo esportivo cresce à medida que explode a

popularização do futebol pelo Brasil. É bom ressaltar, que embora o cenário fosse de crescimento da editoria esportiva, ela ainda era vista, dentro dos próprios jornais, como uma modalidade menos importante, principalmente em comparação às editorias de política e econômica.

Ainda segundo relatos da época, embora já houvesse o trabalho de os repórteres irem aos clubes para acompanhar os treinos das equipes, não existia nenhuma estrutura por parte dos jornais a eles, sendo esses primeiros repórteres, reposáveis pelo transporte, alimentação e levar a informação ao jornal. E evidentemente, eles não recebiam nenhum salário pela prestação de serviço, como troca, recebiam vales.

Com o surgimento de O Jornal dos Sports, criado em 1931, que foi o primeiro jornal diário do Brasil, voltado exclusivamente às notícias esportivas, aconteceram as primeiras inovações no texto jornalístico. O veículo foi criação do jornalista Argemiro Bulcão e se manteve em funcionamento até 2007. O jornalista Mário Filho fez parte da equipe do Jornal dos Sports e ele foi o responsável por implantar um novo estilo de reportagem.

Em suas mãos, o jornalismo esportivo ganharia novas dimensões. Na forma, quase tudo mudava: título, subtítulo, legendas. O conteúdo abria espaço para a vida dos personagens que faziam o espetáculo. Jogadores passaram a ser endeusados, especialmente os negros. Nos bastidores, Mário criava uma rede de informações poderosa (RIBEIRO, 2007, p. 74 e 75).

Devido ao tamanho sucesso, Mário Filho foi convidado a ter um alto cargo no O Globo. “O jornalista abriu espaço para as opiniões, emoções e expectativas de atletas e torcedores, os detalhes cômicos ou trágicos dos treinos e jogos, os bastidores dos clubes e a vida privada dos atletas” (STYCER, 2009, p. 76). Sob sua direção, o jornal deu início a publicação de fotos, ilustrações, charges, realçando momentos e determinados personagens.

A linguagem também foi modificada, pois o texto tornou-se mais simples, coloquial, fazendo uso de diálogo e depoimentos, formas narrativas não usadas pelo jornalismo esportivo até então. Foi também nessa leva de novidade que deu-se início as notícias da vida privada das estrelas esportivas. O que forçava ainda mais a profissionalização da imprensa, no tocante a separar o profissional do jornalismo dos antes amigos das agremiações que escreviam nos espaços vazios dos jornais

Antes de tudo, teria que acabar com a figura do repórter “amigo do clube e do jogador”. Uma nova profissão estava nascendo, e o jornalista esportivo passara a fazer parte do dia-a-dia das redações dos principais

jornais do Brasil. Sua presença era ainda mais fundamental no momento em que a presença de jogadores famosos nas redações virava rotina (RIBEIRO, 2007, p.85).

Foi a partir de 1930 que começaram as transmissões esportivas nos rádios, bem distintas daquelas que conhecemos hoje, onde os locutores apenas relatavam os placares das partidas, lances importantes e o resultado final. Mas mesmo assim, já foi um avanço, visto que antes desse momento o radiojornalismo esportivo se dava apenas pela leitura das reportagens dos jornais impressos. Foi oficialmente no dia 19 de julho de 1931 que aconteceu a primeira transmissão radiofônica de uma partida. Os responsáveis foram Nicolau Tuma e a equipe da Rádio Educadora, diretamente do estádio de Floresta, na região central de São Paulo, o jogo entre os estados de São Paulo e Paraná, válida pelo Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais de 1931.

Diante de tamanho sucesso e busca da população para acompanhar esse fenômeno dos jogos de futebol, foi difícil até mesmo para os radialistas encontrarem espaço nas arquibancadas para a realização da cobertura dos jogos.

Faltando poucos minutos para o início da partida, ansioso, o jovem locutor anunciava para os ouvintes: “Como repórter, vou transmitir daqui tudo aquilo que for acontecendo no campo... Como vocês sabem, o campo de futebol é um retângulo. Então vocês façam um retângulo aí na sua frente, numa cartolina... Ou então, peguem uma caixa de fósforos. A caixa de fósforos é um retangulozinho, não é? Agora, sim, a caixa de fósforos é o campo. Do lado esquerdo vão jogar os paulistas, do lado direito, os paranaenses (RIBEIRO, 2007, p. 76).

O narrador Nicolau Tuma ao optar por não deixar a transmissão silenciosa, ficou descrevendo durante todo o jogo quaisquer ações do jogo. Segundo ele, ao fazer isso, ele não dava brecha ao ouvinte de mudar de estação, pois até então as narrações de partidas de futebol era a cada acontecimento importante durante a partida, como uma falta, um gol, uma lesão.

As transmissões não contavam com a tecnologia de hoje e dependiam, à época, de linha telefônica para a transmissão ir do estádio à estação da rádio e de lá ser propagada. Mas diante dessa inovação, as rádios ainda não tinham todo o aparato necessário e dependiam de linhas telefônicas. O problema é que às vezes eles tinham que improvisar com as linhas de casas próximas ao estádio, fazendo valer o jeitinho brasileiro. "Surgiram as ligações clandestinas dos postes de energia. O que importava era não deixar de transmitir o jogo" (GUERRA, 2014, p.19).

José Augusto Siqueira, comandante técnico das transmissões, recebia

telefonemas dos repórteres que acompanhavam os jogos nos estádios e os colocava no ar. (...) Pode parecer simples hoje, mas na época o primeiro plantão esportivo do rádio brasileiro, batizado de Esportes nas Antenas, foi uma revolução (RIBEIRO, 2007, p. 78).

Com o passar dos anos a transmissão em rádio foi se profissionalizando, e automaticamente, se transformando. Surgindo as inserções dos jingles, patrocinadores, melhorias na estrutura para transmissão das partidas na íntegra, na disputa pela audiência e a preferência do ouvinte. Nessa leva de novidades, surge a figura do comentarista, geralmente sendo exercido por jornalista do impresso.

O rádio crescia em quantidade nos lares e em influência. Fascinando tanto os profissionais da imprensa como os atletas. “O rádio não fascinava apenas os profissionais que queriam praticar a arte do jornalismo. Jogadores e dirigentes sabiam que o novo veículo de comunicação seria um importante instrumento de divulgação de suas conquistas e realizações” (RIBEIRO, 2007, p.90).

Um dos nomes que obteve êxito nos primórdios do rádio foi o narrador Ary Barroso, que ganhou o apelido de “homem da gaitinha”, porque ao invés de gritar ou anunciar o gol preferia soprar uma gaita. “A estratégia era compreendida pelo ouvinte: Ele não gritava gol, tocava repetidamente sua gaitinha. Isso era sinal de gol para o torcedor, que também ouvia ao fundo a vibração dos torcedores” (GUERRA, 2014, p.23). Ainda de acordo com Guerra (2014), o uso da gaitinha deu origem às vinhetas que acrescentaram à descrição e à narração das partidas. A forma apaixonada de narrar fazia de Ary Barroso um espetáculo à parte, atraindo a audiência do torcedor. No mesmo período, Ary ganhava um forte concorrente chamado Érick Cerqueira, que à época ganhou notoriedade por ter “o demônio do futebol na gargante”.

Nesse início das transmissões dos jogos pelo rádio, os jornais exerceram importante papel no auxílio à compreensão das partidas. Guerra (2010) diz que os impressos publicavam um esquema de campo de futebol, cheio de quadros, indicando localização de cada jogador em sua posição no campo de futebol. Tal recurso foi usado até o campo de jogo estar memorizado pelas pessoas.

O sucesso da seleção brasileira masculina na Copa do Mundo de 1936, na França, onde conquistou o terceiro lugar, impulsionou ainda mais a imprensa esportiva brasileira, tanto no impresso e como no rádio, assim também como fez aumentar o interesse da população pelo esporte que começara a dar glória em nível mundial aos brasileiros.

Diante disso, o mercado pedia novos atrativos. E foi na Rádio Panamericana, pela

primeira vez na história do rádio esportivo brasileiro, que uma equipe esportiva foi responsável por segurar uma programação inteira de um rádio. Comandada por Pedro Luiz, foi implantado o formato aplicado até hoje nas transmissões de rádio: um profissional para abrir o plantão esportivo, outro para narrar, dois repórteres de campo (cada um cobrindo uma equipe) e um comentarista de arbitragem. Após o encerramento, informavam e entrevistavam os personagens principais do espetáculo e finalizavam o um plantão esportivo.

Com esse cardápio a Panamericana ganhava fama de “emissora dos esportes”. Para atrair estrelas da concorrência, do rádio e jornais, criou o programa Voz do Esporte, comandado por Hélio Ansaldo e com participações especiais de Oduvaldo Cozzi, do historiador Leopoldo Santana, do jornalista Thomaz Mazzoni e do capitão Sílvio de Magalhães Padilha. Para atrair a audiência do povão, equipes da emissora se posicionavam nos cinemas, restaurantes e bares movimentados da cidade para ouvir o torcedor nas vésperas dos grandes clássicos (RIBEIRO, 2007, p.115).

Já no começo da década de 1940 houve uma importante mudança na narração. O grito de gol que sempre foi curto deu lugar a um estilo longo, criado pelo narrador Rebello Júnior. Estilo esse que perdura até hoje tanto no rádio como na televisão. Em 1946, o jornal Mundo Esportivo adotou a estratégia da polêmica criada por cronistas para aumentar a paixão do torcedor: “era panfletário, fazia sensacionalismo e tinha como público-alvo o povão das arquibancadas” (RIBEIRO, 2007, p.116). Medida essa ainda bem presente em diversos programas esportivos da atualidade.

Às vésperas da Copa do Mundo masculina de 1950, realizada no Brasil, os jornais assumiram uma campanha em prol da seleção brasileira visando o título mundial, onde o objetivo era a união de toda a população em apoio aos atletas nacionais para que assim eles conseguissem vencer a competição. O ufanismo deu lugar a qualquer possibilidade de cobertura imparcial da seleção brasileira na copa.

Participar da cobertura da primeira Copa do Mundo de Futebol realizada no Brasil significava garantir, no futuro, um lugar na história da imprensa esportiva. Ganhando ou perdendo, todos os veículos de comunicação e profissionais da imprensa saíram lucrando (RIBEIRO, 2007, p. 130).

Quase mil jornalistas presenciaram o Uruguai ser campeão diante o Brasil, num Maracanã com 200 mil pessoas. Dois meses após a decepção, surgia um novo veículo de comunicação que iria revolucionar o País e atrair ainda mais os amantes do esporte: a televisão.

### 3.1 O JORNALISMO ESPORTIVO NA TELEVISÃO

Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel afirmam que “jornalismo é jornalismo, seja ele esportivo, político, econômico ou social”. Ainda de acordo com os autores, a definição de esporte é: uma competição entre seres humanos e suas habilidades. Eles destacam que os principais itens do esporte são a presença de regras definidas, desenvolvimento físico e competição entre os participantes. Os autores também defendem que o jornalismo esportivo tem por princípio as mesmas regras gerais de qualquer outro gênero jornalístico, tais como a busca pela informação, isenção no tratamento com as fontes, critérios de noticiabilidade e criatividade para encontrar diferentes ângulos da notícia.

É bom salientar que quando a televisão surgiu na década de 1950 era um equipamento caro e bem pouco difundido em detrimento ao rádio. A qualidade das transmissões da televisão não era das melhores e os chuveiros eletrônicos eram partes constantes. A linguagem da televisão é caracterizada por texto, som e imagem, sendo esta o grande diferencial deste veículo, que é herdeiro natural do rádio.

Sebastião Squirra diz o telejornal vem exercendo um importante papel na produção e divulgação de informações no Brasil. Squirra fala que telejornalismo do Brasil nasceu com a própria televisão. O primeiro telejornal brasileiro se chamava Imagens do Dia e era exibido pela a PRF-3 TV, a primeira emissora brasileira de televisão. Squirra explica que, “ao contrário da televisão norte-americana, que se desenvolveu apoiando-se na forte indústria cinematográfica, a brasileira teve de se submeter à influência do rádio, utilizando inicialmente sua estrutura, o mesmo formato de programação, bem como seus técnicos e artistas” (1992, p. 104). Por isso, no primórdio da história dos telejornais brasileiros, eles eram basicamente um exemplar de radiojornal na TV, onde o apresentador apenas narrava os principais acontecimentos dia aos telespectadores.

Nos primeiros anos da televisão brasileira, cada estação de TV procurou criar seus próprios conceitos, estilos, para não serem apenas cópias dos telejornais norte-americanos. Do ponto de vista estético, os telejornais eram bem parecidos, pois não possuíam grande aparato tecnológico, onde eram compostos basicamente por uma cortina ao fundo, uma mesa e a cartela com o nome do patrocinador. Nessa época surgiu um dos mais populares telejornais que foi o Repórter Esso, da TV Tupi.

O Repórter Esso foi transmitido pela TV Tupi, do Rio de Janeiro, a partir do ano

de 1952. O telejornal seguia basicamente o mesmo perfil do já famoso radiojornal Repórter Esso, que era exibido desde agosto de 1941 pela Rádio Nacional, do Rio de Janeiro, e que noticiava os mais importantes acontecimentos locais, nacionais e internacionais de todas as esferas.

Seguindo praticamente o roteiro do programa do rádio, O Seu Repórter Esso narrava as notícias de aproximadamente trinta segundos de duração fazendo uso do mesmo padrão de entonação dos apresentadores radiofônicos. As reportagens eram agrupadas por temas semelhantes e assim eram noticiadas em blocos, onde a principal notícia do dia era a última a ser apresentada em cada edição.

Esse estilo fez muito sucesso e foi um parametro usado pelos demais telejornais à época, até o aparecimento do Jornal Nacional, telejornal diário da Rede Globo de Televisão, que trouxe consigo uma nova maneira de jornalismo na televisão brasileira. Squirra afirma que o Jornal Nacional deu início à era do telejornal em rede no Brasil, consagrando um estilo de apresentação requintado, de alcance a questões internacionais, e consolidou um modelo de reportagem no Brasil bem próximo do que era praticado nos Estados Unidos. Para Squirra, esse padrão de jornalismo na TV, compendiado no manual Normas Básicas de Redação do Jornal Nacional, é, ainda hoje, modelo para os telejornais das principais emissoras brasileiras.

Por isso, toda e qualquer fato escolhido que vai ser noticiado, os enquadramentos, os temas das reportagens, a forma de narrar os acontecimentos, todos esses elementos da construção da notícia expressam um olhar único de mundo, um discurso direcionado a um determinado público, à audiência presumida.

“Ao jornalismo, seja ele de rádio ou de jornal, não basta informar. Ele precisa chamar a atenção, precisa surpreender, assustar. Os produtos jornalísticos são produtos culturais e, nessa condição, fazem o seu próprio espetáculo para a platéia. Como se fossem produtos de puro entretenimento, buscam um vínculo afetivo com o freguês. Mas o que se dá na televisão é mais que isso – e na televisão brasileira é duas vezes mais (BUCCI, 1997, p.29)”.

Se pensarmos que toda maneira de contar os acontecimentos do cotidiano é construída também uma narrativa a partir dela, ou seja, cada fato pode ser encadara de uma maneira única, olhar único, a depender da percepção do jornalista ou jornal, podemos afirmar que o lado que recebe a notícia, a audiência, há pessoas interessadas em acompanhar a história, a se inteirar daquela determinada versão dos fatos, seja para assimilá-la ou refutá-la. Uma audiência, que com o passar dos anos, passou da posição

passiva, e que nos dias atuais também se converteu em audiência participativa.

Silverstone (1996) entende que a televisão é “lugar de familiaridade e de tranquilidade” no cotidiano das pessoas. É quando e onde a sua audiência para para absolver e assimilar os acontecimentos mais importantes de sua realidade e do mundo todo. E para isso, o jornalismo, por meio da televisão, não apenas enumera e narra os fatos, mas o interpreta ao anunciá-lo. Por meio desse mecanismo, onde mostra as notícias de maneira categorizada, causa uma sensação de pertencimento, controle e segurança a sua audiência.

Dito isto, podemos afirmar que a mídia não é apenas um mero transmissor de informação, mas vai além, ao entrar dentro da casa de sua audiência, ela mostra uma percepção da realidade com base nas regras do jornalismo. Por isso,

“o que os jornalistas fazem diariamente é ‘organizar o mundo’ procurando torná-lo mais compreensível. Por isso, há uma preocupação pedagógica no jornalismo que se legitima como o lugar de ‘poder mostrar’, de ‘poder dizer’ e de ‘poder analisar’” (VIZEU, 2008, p. 79).

Com tamanha intimidade com seu público, o telejornalismo brasileiro acabou ocupando um espaço, um “lugar” parecido com o da família, dos amigos, da escola, da religião (VIZEU, 2008). Onde, numa sociedade cada vez mais profunda e com suas complicações, o telejornalismo fornece meios de que ela, a sociedade, consiga se compreender e se inserir em sua complexidade e possua uma sensação de segurança e compreensão.

E com o surgimento da TV, e logo em seguida, o seu domínio como o veículo de comunicação mais popular e abrangente, um novo modelo de comunicação, de linguagem foi se instaurando devido às novas maneiras de informar, agora fazendo uso de não apenas sons, mas também fazendo uso de imagens. Com isso, houve alterações na maneira de se comunicar estabelecida entre jornalista e audiência.

Essa mudança nas relações de comunicação, de linguagem, foram baseadas pelo uso das imagens em movimento nas notícias, algo revolucionador. Pois tais imagens foram transformadas na maneira preferida de conhecimento pela sociedade. As imagens, com a adição das narrações, tomaram o lugar das palavras, números e demais artifícios dos quais os meios de comunicação faziam uso anteriormente antes de serem suplantadas pela imagem, tornando-se, fonte de informação e fascínio

Reconhecer o papel ou função da televisão como narradora ou contadora de histórias do cotidiano seria uma forma de estabelecer contextos mais aprofundados como,

por exemplo, avaliar a televisão como um sistema ou instituição de consenso narrativo, como o narrador central, onipresente, da sociedade. A união entre televisão e o telejornalismo apresentaram, assim, novas maneiras de narrar os acontecimentos com charme e elegância, dadas as dimensões de espetáculo e o ritual dos eventos noticiados. Embora haja pompa e distinção aos jornalistas de televisão, não lhes é permitido fantasiar, aumentar e glamourizar suas reportagens.

A televisão, por ser um veículo de comunicação de massa com forte penetração na vida de sua audiência, tem como principal poder, no âmbito do telejornalismo, não apenas a transmissão de informação, mas a transmissão de experiências, por meio do consumo das histórias apresentadas em cada noticiário. E para que isso aconteça, além do momento de captação de imagens e depoimentos, o processo de edição e montagem das notícias seria a essência do jornalismo televisivo. A linguagem audiovisual incorporada pela televisão e, antes dela, pelo cinema e pelo teatro, aproxima o público daquilo que está sendo noticiado de uma maneira nunca vista antes.

Entre os diversos termos da linguagem da televisão, cabe aqui explicar os termos específicos que serão utilizados nas análises, com base nos conceitos de PATERNOSTRO (1999):

a) Reportagem na televisão, segundo Vera Iris Paternostro (1999), é a notícia mesclada de informações sonoras e visuais, feito por um repórter, que conta, geralmente, com participações de personagens definidos durante a pauta ou no decorrer da gravação das imagens;

b) Nota coberta é um informativo cuja informação é lida pelo apresentador enquanto o texto seguinte é coberto com imagens. Esta nota pode ser gravada ou ao vivo;

c) Sonoras são gravações de entrevistas realizadas por repórteres, que posteriormente são utilizadas para criação de reportagens ou de forma isolada. As sonoras diversificam a programação jornalística, pois tiram da voz dos apresentadores as falas importantes, que são identificadas diretamente com a voz dos envolvidos;

d) Vivo, de maneira quase autoexplicativa, são as participações de reportéres, durante a exibição do programa, onde o repórter participa sozinho trazendo alguma informação de um acontecimento que está se desenrolando ou a participação de algum convidado.

O esporte esteve presente desde os primórdios da televisão no Brasil.

Walter Sampaio conta que foi em 1950 que o jornalismo esportivo teve a sua primeira reportagem registrada na televisão. Era a cobertura feita pelos cinegrafistas Jorge Kurkjan, Paulo Salomão e Alfonsas Zibas. Este último, segundo Sampaio, provocou uma situação inusitada logo na estreia da televisão com a cobertura esportiva. Zibas entrou em campo, com a bola rolando, achando que assim poderia registrar as imagens mais de perto. Só restou ao juiz expulsá-lo de campo. Na arquibancada, Kurkjan filmou também esses momentos (GUERRA, 2014, p.97).

A primeira transmissão de um evento esportivo realizada por um canal de televisão do Brasil aconteceu no dia 15 de outubro de 1950, onde no estádio do Pacaembu jogaram São Paulo e Palmeiras, onde registou-se a audiência de no máximo 200 telespectadores (RIBEIRO, 2007).

A partir de esse momento, que hoje nos parece banal, surge o fenômeno da sedução pela televisão para com os profissionais esportivos do impresso e do rádio. E com isso, se o impresso influenciava o rádio, o rádio começava a influenciar a televisão.

Em sua grande maioria, todos os profissionais de destaque dos rádios, assim como os formatos de programas, foram migrando para a televisão. Por isso e devido à falta de equipamentos e tecnologias que pudessem valorizar ainda mais a imagem, o primórdio da televisão brasileira foi recheado de características oriundas do rádio.

Já no fim da década de 1950 a televisão estava bem firmada com 10 emissoras em pleno funcionamento. E com o advento da televisão nos jogos de futebol, segundo Felice (1981), vários cronistas tiveram sua credibilidade colocada em dúvida, já que a imagem permitiu aos telespectadores acompanhar ao mesmo tempo a transmissão do rádio e da televisão de um mesmo jogo de futebol, permitindo ao público tirar suas próprias conclusões em relação a narrações e comentários por parte dos jornalistas.

A imagem permitiu ao torcedor constatar que o locutor irradiava lento demais (a bola já tinha entrado nas redes muito antes dele gritar o manjado gol) ou então que o autor do tento não fora aquele anunciado pelo narrador ou ainda que a jogada se desenrolara de forma diferenciada que fora apresentada (FELICE, 1981, p. 84).

Devido às limitações tecnológicas imporem, à época, o padrão preto e branco, quando duas equipes com uniformes de cores fortes se enfrentavam, gerava uma confusão visual para os telespectadores, pois ficava muito difícil a diferenciação das equipes. Diante disso, Paulo Machado de Carvalho, fundador da TV Record, encontrou a solução.

Quando dois times de camisas de cores fortes como Palmeiras (verde) e Portuguesa (vermelha) se enfrentavam, a transmissão em preto e branco tratava de tornar todos os uniformes absolutamente iguais. Na primeira

partida entre os dois times pelo Campeonato Paulista, a Record conseguiu a mágica: a transmissão continuava em preto e branco, mas com um efeito, que ninguém sabia qual, permitia a identificação perfeita das duas equipes. Alguns técnicos da Tupi não aguentaram de curiosidade e ligaram para a Record. Tuta, filho do Paula Machado, dava sempre a mesma resposta: usamos um filtro importado dos Estados Unidos, chamado “Triple Flex Clair”. O filtro, de nome pomposo, não passava de uma invenção de Tuta. Jamais existiu. O que o técnico usava poderia ser comprado em qualquer loja de fundo de quintal: um filtro laranja, grudado na lente da câmera (GUERRA, 2014, p. 99).

Nessa corrente de novidades que a televisão trouxe, aconteceram os surgimentos dos programas de debate esportivos, algo mais uma vez adaptado do rádio. De acordo com Guerra (2014), os programas, apresentadores, músicos e diretores do rádio, todos migram para o novo veículo. “Apresentado por Raul Tabajara e Geraldo José de Almeida, o programa ‘Mesa Redonda’ fez escola na televisão, com discussões acaloradas entre cartolas e crônica esportiva” (GUERRA, 2014, p.98).

Com o tamanho sucesso das transmissões de jogos de futebol, os dirigentes das federações e dos clubes acusaram a televisão de “roubar” o público do estádio, e por tabela, o dinheiro que entrava no caixa dos clubes e das federações. O caso mais emblemático dessa situação foi a briga pela transmissão do Campeonato Carioca de 1958, onde a TV Tupi e a TV Rio venceram as reclamações e imposições dos dirigentes dos clubes e das federações e transmitiram todo o campeonato.

O campeonato foi um estrondoso sucesso, o que representou retorno financeiro para os cofres das duas emissoras. Quase 2,3 milhões de torcedores lotaram o Maracanã durante o campeonato, que terminou somente no início de 1959. Nesse mesmo ano, as previsões pessimistas dos dirigentes de clubes tornaram-se realidade. Por causa do número excessivo dos jogos transmitidos pela televisão, o público presente aos estádios no ano anterior caiu pela metade (RIBEIRO, 2007, 170).

Influenciados pelo título mundial da Copa do Mundo de Futebol de 1958, e na expectativa de vencer a Copa de 1962, que mais tarde se confirmara, a Copa do Mundo realizada no Chile, foi a primeira em que os brasileiros puderam acompanhar, mesmo com atraso de dois dias, os jogos da seleção brasileira na televisão. Se hoje nos parece inacreditável, já foi um excelente avanço em comparação ao apresentado durante a Copa do Mundo de 1958, onde os jogos só eram assistidos após uma semana nos cinemas. Foi nesse ano, que pela primeira vez, de acordo com Ribeiro (2007), que os canais de televisão obtiveram mais verbas publicitárias do que o rádio e o impresso.

Em 1963, numa manobra para continuar o domínio sobre os demais veículos, e

aumentar a audiência angariado pelo futebol, surgiu o primeiro formato de “mesa redonda”, na televisão, após os dias de jogos. Seria um processo de retroalimentação, tendo como maiores bandeiras os clubes mais populares do Rio de Janeiro, cada um dos quatro (Botafogo, Flamengo, Fluminense e Vasco) representados por uma figura de destaque. O programa, da TV Rio, foi batizado como Grande Revista Esportiva até 1966, mas alterado para Grande Resenha Facit (após a empresa de máquina de escrever Facit patrocinar o programa), mesmo ano em que foi para a TV Globo, apresentado por Luís Alberto, porque Luiz Mendes ficou na TV Rio.

O time estava montado, cada jornalista escolhido representava uma paixão do torcedor carioca. Saldanha, o Botafogo; Nelson, o Fluminense; Scassa, o Flamengo; como Armando Nogueira também tinha uma queda pelo Botafogo, estava faltando um vascaíno para completar a equipe. Foi então que surgiu a indicação de Vitorino Vieira, vascaíno e funcionário da Facit. Com o tempo, novos feras foram incorporados ao time, como o produtor Augusto Melo Pinto, Alain Fontan, francês que trabalhava na agência de notícias *France Press* no Rio de Janeiro, Hans Henningsen, jornalista espanhol radicado no Rio de Janeiro, que Néelson Rodrigues apelidou de “o marinheiro sueco”, Mário Vianna, Abrahim Tebbet e o médico da seleção brasileira, Hilton Gosling (RIBEIRO, 2007, p. 191).

E o esporte encontra na televisão um espaço importante para sua divulgação. E como o esporte consegue excitar o imaginário cultural de seus aficcionados, as equipes de jornalismo esportivo, desde suas primeiras aventuras, como já relatado nessa pesquisa, faziam uso de diversos recursos para enriquecer a cobertura esportiva, e assim atrair e manter a audiência fidelizada.

Se nos primórdios das primeiras coberturas de jogos esportivos pelo rádio toda essa magia era transmitida pela voz e imaginação do narrador, com o advento da televisão, esse universo foi ganhando cada vez mais signos e poesia aos olhos e mentes da audiência esportiva.

“Vale ressaltar que o esporte sem linguagem torna-se apenas um movimento biomecânico e fisiológico, não sendo levado em conta seu aspecto simbólico, cultural, social. A partir desta perspectiva, o jornalismo esportivo colabora para um melhor entendimento do movimento humano de forma geral e ajuda ainda a compreender o esporte em sua totalidade. O esporte só ganha existência social porque passa por procedimentos técnicos, teóricos e por uma grande conversação empreendida no cotidiano, seja pela construção da agenda midiática ou pelas falas dos atores sociais - da opinião pública. Sem o empreendimento da linguagem sobre o esporte, ele passa a ser apenas uma atividade regrada, praticada pelos seus atores, ficando limitada à experiência daqueles que o vivenciam” (BORELLI, 2002, p. 2-3).

A Copa do Mundo de 1970, realizada no México, onde a seleção se tornou tricampeã mundial, foi a primeira Copa do Mundo transmitida ao vivo no Brasil. Na década de 70, Sílvio Luiz, ainda hoje presente na televisão brasileira como narrador da RedeTV!, comandava o programa o Clube dos Esportistas, na TV Record, onde a descontração já fazia parte do telejornal.

A informalidade era o principal ingrediente da produção – a começar pelo cenário, que reproduzia uma casa, com campainha, cozinha, empregada e até mesmo um cachorro, que latia para anunciar de um convidado do programa. Não havia roteiro predeterminado para nada, tudo tinha de funcionar na base do improvisado. Os entrevistados eram levados pelos jornalistas convidados do programa, esportistas de várias modalidades podiam opinar sobre outros temas (RIBEIRO, 2007, p. 255).

Quase no final da década de 70, o programa Show de Esporte que tinha como apresentador o jornalista Luciano do Vale, era transmitido aos domingos e incentivava modalidades como vôlei, basquete e atletismo. “Com essa ampla cobertura, além do tradicional futebol, a TV Bandeirantes criou um novo slogan, passando a ser tratada como o Canal do Esporte” (RIBEIRO, 2007, p.256).

Em 31 de março de 1989 surge o Canal+, primeiro canal de esporte por assinatura no Brasil. Posteriormente, em 1991, foi mudado de nome para TVA Esportes, e em 17 de junho de 1995 passou a se chamar ESPN Brasil, nome que leva até hoje. Em 19 de outubro de 1991 foi criado o canal Top Sport, do Grupo Globo, que em 1994 passou a se chamar SporTV. O canal teve como comandante o jornalista Armando Nogueira, que esteve presente na Grande Resenha Facit.

Mesmo com os dois canais transmitindo os jogos da Copa do Mundo de 1994 dos Estados Unidos em que a seleção brasileira se tornaria tetracampeã, nenhum chegou dos dois canais chegou próximo ao sucesso da cobertura da Rede Globo, tendo como locutor Galvão Bueno e com o ex-jogador Pelé como comentarista.

Na Copa de 1998, realizada na França, onde o Brasil terminaria na segunda posição, houve uma revolução tecnológica nos bastidores da informação devido à internet. As máquinas de escrever e de fax foram substituídas por notebooks. Além disso, surgiram as fotos digitais. Assim, as formas sonoras, visuais e imagéticas da cultura midiática passaram a exigir novas maneiras de conhecer e de decodificar.

Podemos afirmar que, de acordo com Kellner (2001), a cultura da mídia abastecem imagens, discursos, narrativas e espetáculos capazes de gerar prazer, entidades e posições de sujeitos de que o público apodera-se e aplica à construção de

identidades e mostram novas formas de identidade onde a aparência, o jeito de ser e a imagem dão lugar a coisas como a ação e o compromisso na construção da identidade, daquilo que alguém é.

Houve um tempo em que identidade era aquilo que se era, aquilo que se fazia, o tipo de gente que se era: constituía-se de compromissos, escolhas morais, políticas e existenciais. Hoje em dia, porém, ela é aquilo que se aparenta, a imagem, o estilo e o jeito como a pessoa se apresenta. E é a cultura da mídia que cada vez mais fornece material e recursos para a constituição das identidades (KELLNER, 2001, p.333).

Kovach e Rosenstiel (2003) corroboram que o papel do jornalismo na vida das pessoas é: “fornecer aos cidadãos as informações de que necessitam para serem livres e se autogovernar” (2003, p.31). Eles também atestam ainda que cada sociedade, geração e/ou época cria seu próprio jornalismo com características únicas. No entanto, sem modificar a sua finalidade. Por isso, de acordo com os autores, atualmente, houve uma mudança na atividade do profissional.

O novo jornalista não decide mais o que o público deve saber. Ele ajuda o público a pôr ordem nas coisas. Isso não significa simplesmente acrescentar interpretação ou análise a uma reportagem. A primeira tarefa dessa mistura de jornalista e “explicador” “é checar se a informação é confiável e de forma que o leitor possa entendê-la (KOVACH, ROSENSTIEL, 2003)

Pecenin (2007) fala que o jornalismo esportivo depende de sua relação com o público, para que assim, após estabelecer uma fidelização ao consumo da notícia veiculada pelo veículo/emissora.

É importante dizer que há o exercício de uma relação de poder entre a imprensa e a torcida brasileira: para controlar a subjetividade dos torcedores, transformando-os torcedores leitores/consumidores de informações e comentários esportivos, e também para atender, assim, aos interesses econômicos do jornal, a crônica futebolística manifesta, em seu discurso, um saber que se identifica com o que os torcedores brasileiros querem ler, com o que acreditam, com a imagem que fazem de sua seleção: que ela é a melhor do mundo. E isso faz os torcedores sentirem-se ocupando o lugar de melhores do mundo também. (...) Segundo Foucault (1995), poder e saber são elementos que transformam em sujeitos, os indivíduos (PECENIN, 2007, p.86).

A fase de maior transformação em toda as praças do Globo Esporte se deu a partir de 2009 (NETO e MEIRELES, 2012), com a chegada de Tiago Leifert ao Globo Esporte São Paulo, como apresentador e editor-chefe até 2015, ele provocou mudanças

no modo de se apresentar e fazer as reportagens que chamou a atenção do público e crítica, que depois tais mudanças se disseminaram às demais praças do Globo Esporte.

Atualmente o Globo Esporte nacional é apresentado por Alex Escobar e tem como substituta Carol Barcellos. O programa tem em média duração de 25 minutos de produção. Entre seus principais quadros, atualmente se destaca o Cafézinho com Escobar, onde o apresentador sai às ruas para saber a opinião das pessoas a respeito dos mais diversos temas esportivos, em especial os acontecimentos do mundo do futebol.

### 3.2 GLOBO ESPORTE NACIONAL

O Globo Esporte, também conhecido como GE, é um programa telejornalístico, apresentado de segunda a sábado, que vai ao ar por volta das 12h50 até 13h20. Sua estreia aconteceu no dia 14 de agosto de 1978 tendo Léo Batista como primeiro apresentador do programa. Ninguém melhor do que ele para explicar como e os motivos do programa ser batizado de Globo Esporte.

“Ah, a história é simples. Havia um torneio chamado Copa Brasil, não é a Copa do Brasil, Copa Brasil, que a Globo cobria e tinha um programa aqui, né, nesse mesmo horário e tal, pouco antes do almoço ou na hora do almoço, enfim. Aí o Bonireunido, falou “Não, vamos fazer melhor”. O programa era Copa Brasil, mas era só o futebol, era só a Copa. “Nós vamos fazer um programa, um pouquinho maior cobrindo todos os esportes, mas basicamente o futebol”. “Então, a partir de amanhã, já...” Então, falei “opa, todo mundo empregado, vamos trabalhar”. E como é que vai ser o nome do programa e tal? Tinha que ter o nome. Aí pensa daqui, pensa de lá, mil sugestões, tal, nada emplacou. Aí o Boni falou “Bota aí Globo Esporte e depois a gente vê” (LEO BATISTA 80 anos. In SPORTV REPORTER, 10/11/12).

O primeiro evento mundial que recebeu cobertura do Globo Esporte foram as Olimpíadas de Moscou, em 1980. Segundo o MEMÓRIA GLOBO, as TVs Globo e Cultura foram as únicas emissoras nacionais que cobriram a competição. As reportagens do Globo Esporte deram ênfase aos resultados dos atletas brasileiros e aos momentos marcantes da competição.

Dois anos depois, na cobertura da Copa do Mundo da Espanha, em 1982, o Globo Esporte sofreu uma mudança, pois ele foi substituído por um bloco dedicado à Copa, dentro do Jornal Hoje, com matérias produzidas na Espanha, por Léo Batista e Fernando Vannucci.

No ano de 1983 ocorreram duas grandes novidades no Globo Esporte. A primeira foi o surgimento do bloco local que ficou reservado às notícias regionais de cada praça, ficando assim como dois blocos em rede. Em 1986 o Globo Esporte começou a fazer uso da interação com seu público mesmo que nos pareça estranho, visto não existência de Internet e redes sociais.

Em 1986, o Globo Esporte começou a explorar a interatividade com o telespectador através do quadro Tele-Resposta, em que as pessoas podiam dar suas opiniões (escolhendo as opções ou não) pelo telefone. Nesse ano, o radialista José Carlos Araújo passou a apresentar às terças, quartas e sextas um quadro onde dava seus palpites e dicas sobre o futebol carioca (MEMÓRIA GLOBO, acesso pela internet).

A cobertura de grandes eventos esportivos, mundiais ou nacionais, tem grande responsabilidade nesse processo evolutivo de conceber o esporte como uma notícia que possa ser tratada de maneira mais descontraída, pois aos poucos o Globo Esporte foi abrindo seu leque de cobertura e começou a adotar uma linha mais irreverente, possibilitando uma interação maior com a área de criação e edição. As reportagens começaram a fazer uso de gráficos e animação. Nesse mesmo momento de novidades, podemos destacar as reportagens realizadas pelo jornalista Márcio Canuto, onde sempre inseria descontração e humor nas matérias.

O pesquisador espanhol Antonio Alcoba, em artigo publicado na revista *Deporte y Comunicación*, em 1984, já destacava que o noticiário esportivo brasileiro era reservado em 90% a registrar resultados ou prévias de partidas de futebol. Ou até mesmo dedicar parte de sua produção a acompanhar a vida pessoal de atletas de destaque no mundo do futebol, fenômeno que vem crescendo ao longo dos anos.

Segundo dados do IBOPE de 2011, o futebol é o esporte mais consumido não apenas na televisão, mas em todas as demais plataformas (internet, impresso e rádio). Um total de 92% dos pesquisados disse que assiste a partidas de futebol pela televisão, em segundo lugar vem o vôlei com 24%, automobilismo com 13% e basquete com 12% completam os esportes mais vistos.

Em 1999, a TV Globo Internacional passou exibir o GE nos Estados Unidos, no Japão, no Chile, na Colômbia e na Argentina. E foi um dos programas enviados para os militares brasileiros das forças de paz da ONU em Timor Leste, em 1999. “Os soldados recebiam fitas VHS enviadas regularmente pelo Exército com o Globo Esporte e outros programas produzidos pela TV Globo, como Esporte Espetacular,

Globo Repórter, Fantástico e o humorístico Casseta e Planeta” (MEMÓRIA GLOBO, acesso pela internet).

O jornalista Sidney Garambone assumiu a função de editor-chefe no ano de 2001 e fez alterações no programa para ele se adaptar à estética e agilidade que eram necessárias.

O cenário do Globo Esporte foi modificado para atualizar a linguagem visual e ganhar mais agilidade. Quarenta quadros eletrônicos, criados pela Editoria de Arte da Central Globo de Jornalismo, passaram a ser utilizados de acordo com o assunto abordado pelo apresentador. O estúdio ganhou também painéis e iluminação especial. Outra novidade foi a movimentação da logomarca do Globo Esporte, que deixou de ter um lugar fixo na tela, passando a aparecer em diferentes posições. À frente dessas mudanças estava Delfim Fujiwara, diretor de arte do programa. O figurino dos apresentadores também passou por reformulações, sob o comando da consultora de moda Regina Martelli (MEMÓRIA GLOBO, acesso pela internet).

Em meados de 2006 as manchetes de diversos sites anunciavam que o Globo Esporte de São Paulo enfrenta sua maior crise. Tal instabilidade permaneceu pelo ano de 2007. E em 2008, em seu aniversário de 30 anos, foi inaugurado uma nova fase no Globo Esporte, onde os telespectadores puderam notar mudanças nas cores do cenário, que representavam as variadas modalidades esportivas. E a principal novidade foi a chegada de uma dupla de jornalistas, Tino Marcos e Glenda Kozlowski, para comandar o Globo Esporte, que até então era apresentado por uma só pessoa.

Mas a mudança não surtiu efeito esperado e os números da audiência continuaram no mesmo patamar dos anos anteriores. Como isso, foi dado por fim essa nova versão, voltando às origens com apenas um apresentador. E nisso, o Globo Esporte São Paulo decidiu apostar, em 2009, numa versão mais descontraída com um jornalista Tiago Leifert. É bom ressaltar aqui, que tudo que Tiago trouxe não só para o jornalismo esportivo da Globo mas para todo o Brasil, não foi algo inédito. Pitadas de humor e irreverência sempre estiveram presentes, como já citamos aqui, nas transmissões nos primórdios do rádio, assim como na televisão. Na própria Globo podemos destacar a irreverência dos jornalistas Márcio Canuto e das maneiras inovadoras que Régis Rösing fazia dos jogos de futebol.

Tiago Leifert, trazendo consigo as experiências da maneira americana de apresentar um programa de esporte e com a esperança de criar maior empatia com os paulistas se torna o novo apresentador e editor-chefe do programa. Antes, São Paulo via

o Globo Esporte da rede, feito no Rio, editado e apresentado por Tino Marcos. (MEMÓRIA GLOBO, 2012).

Leifert é responsável por uma radical e necessária mudança na linguagem do Globo Esporte, que depois influenciou todo o jornalismo, no que se diz respeito ao modo de apresentar, editar e de se fazer reportagens. Com uma forma inovadora de enxergar e levar as notícias esportivas ao público, sempre de maneira descontraída e com uma pitada de humor, o Globo Esporte voltou a assumir a liderança no horário.

Para Rangel (2009) outro ponto positivo com essas mudanças foi a conquista de um público que até então não se interessava pelo noticiário esportivo, de uma forma geral, mas que gosta e se diverte a linguagem e narrativas que o programa editado por Tiago Leifert informava seu público. A partir de tal sucesso, o novo formato acabou influenciando as demais formas de apresentação das outras praças, sendo uma marca presente em todas as outras edições do Globo Esporte em todo o Brasil. Atualmente, o Globo Esporte possui 11 edições: uma nacional gerada pela redação do Rio de Janeiro para todo o País, que reserva o primeiro dos dois ou três blocos para as notícias locais. Os estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Bahia, Paraná, Ceará, Santa Catarina e Distrito Federal possuem edições próprias.

É política diametralmente oposta à da TV Globo, que conta cada vez mais com afiliadas pelo país afora e difunde programação nacional, mas com características regionais marcantes de cada estado alcançado por seu rádio de transmissão. As peculiaridades são premiadas até mesmo dentro do mesmo estado. O Globo Esporte de Campinas não é igual ao de Santos, cada um tem seus repórteres e apresentadores com sotaque próprio e espaço delimitado para permitir que os clubes de cada cidade sejam contemplados sem interferir no noticiário nacional (COELHO, 2009, p.30-31).

O Globo Esporte mantém a proposta de noticiar o dia a dia dos atletas, destacando exemplos de personagens que vencem as dificuldades do cotidiano, mostrar o esporte como ferramenta de inclusão social, além de aproximar o telespectador o espetáculo da emoção do esporte. (MEMÓRIA GLOBO, acesso pela internet).

A informação oficial divulgada pela TV Globo no site Memória Globo: em um texto que ocupa oito páginas de um arquivo de Word, a palavra entretenimento aparece cinco vezes, sempre associada a uma guinada de estilo no programa. A primeira é logo no terceiro parágrafo: “Ao longo de sua trajetória, o Globo Esporte pode ser definido como uma mistura de informação e entretenimento”. Em seguida, no subtítulo relativo ao

histórico do programa no final da década de 1990: “Esporte como entretenimento e interatividade” e três linhas abaixo, novamente “O programa tinha o objetivo de transformar o fato esportivo em entretenimento, sem esquecer o compromisso com a informação” e antes de encerrar o parágrafo, mais uma vez: “A preocupação era fazer um telejornal com entretenimento na hora do almoço, ouvindo a opinião do povo na rua sobre os mais variados temas esportivos”. A palavra só ressurge no trecho sobre as mudanças implantadas no início dos anos 2000: “A partir de 2001, novos quadros e séries de reportagens foram criadas, seguindo a proposta de unir informação ao entretenimento”. Desta forma, é reforçada uma linha editorial que se desenvolveu ao longo da trajetória do programa.

Para Mauro Cezar Pereira, um dos principais jornalistas esportivos do País, que atualmente trabalha na ESPN Brasil, esse modelo de jornalismo esportivo carrega um ingrediente importante na imprensa esportiva.

Eu custei um pouco a entender uma coisa que para mim hoje é muito óbvia: o jornalismo esportivo na televisão, e no rádio também, ele tem viés de entretenimento. Por quê? As pessoas que veem programação esportiva, futebol, elas veem também para se distrair. Você não liga a TV para ver um jogo de futebol pensando: “Nossa, esse é um fato jornalístico seríssimo! Duas equipes vão se enfrentar e pode acontecer algo assim...”. Não. Você liga também para se distrair, para matar o tempo, para ter prazer (PEREIRA, 2016).

As mudanças para o que Oselame (2010) nomeia como Padrão Globo de Jornalismo Esportivo aconteceram de forma mais marcante durante a última década. No ano de 2008, o Globo Esporte, após reestruturação, se tornou um programa de âmbito nacional (no lugar das versões locais do Globo Esporte). No tocante à estrutura dos apresentadores também houve mudanças, passando de um único apresentador para uma dupla de apresentadores, Tino Marcos e Glenda Koslowski, numa bancada, onde por vezes, recebiam um entrevistado.

(...) fatos locais/regionais - dependendo do seu local ou da região - podem ter dimensões mais amplas do que o seu próprio território, atingindo mídias de grande alcance (nacional/internacional); isso é bem diferente do que acontece no interior, na maioria das vezes, pois os acontecimentos de cidades ‘não metropolitanas’ quase nunca despertam interesses além dos delas próprias (a não ser em casos específicos) (ASSIS, 2013, p.17).

Seguindo esse pensamento, as matérias deixaram de ser focadas exclusivamente

em notícias como treino dos atletas (principalmente do futebol), resumo de coletiva de imprensa de dirigentes, técnicos e jogadores e começaram a focar também no cunho comportamental, o que abre espaço para um telejornalismo “com um pé” no entretenimento (Oselame, 2010). Assim, matérias sobre um torcedor caricato, um momento peculiar durante um treino ou um novo corte de cabelo ganharam espaço nas reportagens.

As estruturas narrativas das reportagens, ao assumir características de pequenas histórias levando assim não apenas a informação, mas um forte traço de entretenimento, que objetiva levar uma variação da informação e atrair assim o telespectador que já está ciente do acontecimento, bem como aquele que não demonstra interesse no assunto.

(...) hoje a atividade jornalística é aquela no campo das mídias que mais tem sido afetada [...]. Sua estrutura, ambiência, narratividade, a autorialidade de sua narrativa, a identidade dos seus atores e, principalmente, o seu papel mediacional, são submetidas a novas processualidades dinamizadas por novas condições de circulação dos discursos (FAUSTO NETO, apud MELLO, 2011, p. 25).

E para isso, a estrutura é construída com os mais variados elementos. Uso de trilha sonora, efeitos visuais, diferentes tipos de enquadramentos e entonação de voz para cada situação (reportagem). Em situações de fracasso de um time ou atleta, usa-se trilha sonora de filmes de terror; em momentos decisivos, enquadra o rosto de um atleta para verificar sua expressão corporal naquele determinado momento, além de todo trabalho no texto e na voz do repórter para fazer um “casamento” perfeito entre todos esses elementos. Além de outros, como, ilustração gráfica, uso de memes, inserção de lances parecidos... Medidas essas para fugir do lugar comum.

De fato, a atração ficou mais leve, com menos aparência de telejornal e mais proximidade com uma conversa informal, um bate-papo. O curioso e o inusitado foram privilegiados em detrimento do que antes era tido como informação importante. Basta uma observação empírica do Globo Esporte para perceber a lógica do entretenimento na produção dos programas esportivos (OSELAME, 2010, p.64).

Para Reis e Gurgel (2011), esta estratégia é o norte que se pensou como mais conveniente para o jornalismo esportivo inserido neste perfil de sociedade e, por isso, de público consumidor para as notícias que a emissora divulga nos seus programas esportivos. “No entanto, a informação não deixou de estar presente e por isso mesmo, a responsabilidade pelo cuidado da mesma não pode ser esquecida” (REIS, GURGEL,

2011, p.13). Dejavite (2008) diz que inovar e experimentar novas formas de fazer a audiência assimilar o jornalismo, não significa descaracterizá-lo, mas elevá-lo à sintonia com o receptor, queé, de fato, a missão principal de quem exerce a função

### **3.3 GLOBO ESPORTE DA TV CABO BRANCO**

Objeto de estudo desta dissertação, o programa Globo Esporte, da TV Cabo Branco tem como apresentador Kako Marques, desde o ano de 2004. Antes de entrarmos na análise do material produzido pelo Globo Esporte da TV Cabo Branco é importante contextualizar a mudança ocorrida no âmbito de cobertura e abrangência do telejornal.

Após um período de quase uma década de divisão na Rede Paraíba, que abrange as TV Cabo Branco e TV Paraíba, ambas filiadas à Rede Globo, onde a TV Cabo Branco fazia a cobertura dos eventos esportivos da Grande João Pessoa e regiões próximas ao litoral, e a TV Paraíba reportava os acontecimentos esportivos de Campina Grande até o Sertão paraibano, e assim cada uma possuía uma versão o Globo Esporte. Mas em junho de 2019, com uma nova reestruturação, demissão de profissionais da TV Paraíba, o Globo Esporte da TV Paraíba deixou de existir e o Globo Esporte da TV Cabo Branco tornou-se estadual. Embora não exista a equipe do Globo Esporte da TV Paraíba, há reportagens feitas em Campina Grande para o Globo Esporte da TV Cabo Branco.

A versão paraibana do Globo Esporte existe desde 1987, sendo desde o seu início até os dias atuais sendo transmitido pela TV Cabo Branco. A TV Cabo Branco, com sede na cidade de João Pessoa, foi inaugurada em outubro de 1986, integrando a Rede Bandeirantes. No dia 1º de janeiro de 1987, a zero hora, passou a integrar a Rede Globo (TV CABO BRANCO, 2012).

O Globo Esporte Paraíba, possui um tempo médio de 10 minutos de produção, o que corresponde ao primeiro bloco da versão nacional do Globo Esporte. O programa é exibido, de segunda a sábado, a partir das 12h50, pela TV Cabo Branco, afiliada da Rede Globo, em João Pessoa, Paraíba, sintonizada no canal 7.

O programa Globo Esporte Paraíba, é o mais antigo entre todos os programas esportivos da televisão paraibana. O primeiro editor do jornalístico foi Joanildo Mendes, para logo em seguida ser substituído por Ivo Marques. Após a passagem de Ivo Marque o programa ainda teve como editor Heranir Montenegro e hoje conta com Expedito Madruga na função.

Marques (2012 apud NETO E MEIRELES; 2012, p. 09) revela que por muito

tempo, o Globo Esporte da praça paraibana não contou com apresentador fixo, o que fazia que logo após o jornalista Ivan Thomaz encerrar o JPB, Jornal da Paraíba, trocar rapidamente de roupa e se posicionar em outro estúdio e apresentar o Globo Esporte.

O Globo Esporte ainda teve outros tantos apresentadores como Luís Carlos do Nascimento, Sílvio Osías, Edilane Araújo, Lourimar Neto, Eugênia Briget, Ulisses Barbosa, Rosângela Marques, Carla Visani. Porém, a pedido do então editor do Globo Esporte Ivo Marques, Kako Marques torna-se o primeiro apresentador fixo do Globo Esporte da Paraíba.

Ainda de acordo com Marques (2012 apud NETO E MEIRELES; 2012, p. 09), o motivo da chegada de Kako Marques para ser apresentador do Globo Esporte: “os outros apresentadores faziam outros telejornais e também apresentavam o Globo Esporte, e Kako Marques veio atender uma antiga reivindicação minha que era ter um apresentador de forma exclusiva para o esporte”.

Antes de chegar à apresentação do Globo Esporte, Kako já havia apresentado um programa de esportes, mas sendo voltado exclusivamente para o automobilismo. Kako era o produtor, diretor e apresentador do Esporte Motor por 4 anos. Antes de trabalhar na TV, Kako iniciou sua carreira na comunicação na rádio Jovem Pan da Paraíba.

Kako Marques está no comando do programa desde 5 de agosto de 2004. O atual editor é o jornalista Expedito Madruga, que ocupa a função desde 2008. A equipe destinada à reportagem, localizada em João Pessoa, é composta pelo repórter Lucas Barros. A equipe de Campina Grande, da TV Paraíba, tem os repórteres Laísa Grisi e Mário Aguiar.

Kako Marques é apenas o segundo âncora do programa. O primeiro apresentador do Globo Esporte Paraíba foi Ivan Thomaz. Os jornalistas Ulisses Barbosa, Carla Visani, Hildebrando Neto e Camila Brandão também apresentaram por um período. Fixos mesmo só Ivan Thomaz e Kako Marques, todos os demais apresentavam o JPB1 e depois continuavam para o esporte (MADRUGA, Expedito, 2019, declaração oral).

Segundo o levantamento realizado pela Kantar Ibope Media, divulgada no dia 4 de junho de 2019, referente ao período de 5 a 11 de maio, o Globo Esporte Paraíba apareceu na liderança o topo do pódio com 19,24 pontos e share de 36,10%. No confronto por segmento, o programa da TV Cabo Branco vence o seu principal concorrente, o Correio Esporte, da TV Correio, afiliada da TV Record, já que o esportivo da concorrência marcou 7,28 pontos de audiência, menos da metade do Globo Esporte.

Essa disputa pela liderança da audiência, que vez por outra ocasiona mudança nos programas e seus formatos e conteúdos, é uma marca constantemente presente no universo da televisão, e não é diferente na Paraíba. Até porque, segundo os dados da Pesquisa Brasileira de Mídia de 2016, a televisão é o meio de comunicação mais utilizado pelos brasileiros quando estes querem se informar, apresentando 63% da preferência dos usuários.

É diante desses aspectos que esta pesquisa tem como objetivo analisar os critérios de noticiabilidade e os valores-notícias usados pela equipe de reportagem do Globo Esporte Paraíba. Por isso, procederemos à análise, como mostra o capítulo a seguir.

#### 4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise de comunicações, assim sendo, é destacada neste campo, a importância da semântica para o desenvolvimento do método. Pois ela é entendida como um conjunto de técnicas de pesquisa onde o objetivo é a busca do sentido ou dos sentidos de um documento.

Para definir o conceito e método da análise de conteúdo, podemos citar Berelson (1984), um dos primeiros autores a sintetizar a análise de conteúdo como técnica de estudo, na década de 40, e que apresentava uma definição baseada no modelo cartesiano de pesquisa: “análise de conteúdo é uma técnica de pesquisa que visa uma descrição do conteúdo manifesto de comunicação de maneira objetiva, sistemática e quantitativa”.

Bardin (1977) descreve a análise de conteúdo como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que faz uso de processos sistemáticos e objetivos para a descrição do conteúdo das mensagens. A autora ainda afirma que este conceito não é suficiente para definir técnica em sua totalidade, e acrescenta que a intenção é a inferência desconhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente de recepção), inferência esta que ocorre a indicadores quantitativos ou não.

Desta forma, atualmente, a técnica de análise de conteúdo refere-se ao estudo tanto dos conteúdos nas figuras de linguagem, reticências, entrelinhas, quanto dos manifestos. A análise de conteúdo, como conjunto de técnicas, vale-se da comunicação como ponto inicial. Distinta de outras técnicas, como a estocagem ou indexação de informações, crítica literária, é sempre feita a partir da mensagem e tem por finalidade a produção de conclusões.

Para Franco (1986), produzir conclusões sobre o texto objetivo é a razão de ser da análise de conteúdo, pois verifica ao método relevância teórica, implicando pelo menos uma comparação onde a informação puramente descritiva sobre o conteúdo é de pouco valor. Um dado sobre conteúdo de uma comunicação é sem valor até que seja vinculado a outro e esse vínculo é representado por alguma forma de teoria.

Sendo assim, produzir conclusões em análise de conteúdo, expressa não somente produzir suposições subliminares acerca de determinada mensagem, mas em embasá-las com pressupostos teóricos de diversas concepções de mundo e com as situações concretas de seus produtores ou receptores. Situação concreta que é visualizada segundo o contexto histórico e social de sua produção e recepção.

A seguir, iremos perfilar as três fases de uma análise de conteúdo, determinando

de uma forma geral e sucinta os componentes básicos que os diversos autores denominam muitas vezes com outros nomes, mas que de uma forma geral são comuns à maioria. As fases são: a) Fase de pré-exploração do material ou de leituras flutuantes do corpus das entrevistas; b) A seleção das unidades de análise (ou unidades de significados) e c) O processo de categorização e sub-categorização.

Na primeira etapa, a fase de pré-exploração do material ou de leituras flutuantes do corpus das entrevistas é onde é feita a leitura de todo o material, para que o pesquisador se inteire dos elementos mais importantes para as duas próximas fases do processo de análise. Durante a leitura flutuante o pesquisador faz contato com o material a ser analisado, assim como conhece a atmosfera de seu objeto e impressões iniciais.

Nas leituras, o objetivo é conhecer, de uma forma ampla, as principais ideias e seus mais importantes significados. Nesta fase, a leitura permite uma melhor absorção do material e produção mental que contribuem prenúncios no caminho a uma apresentação coordenada dos dados. Tais leituras permitem ao pesquisador exceder a mensagem óbvia e de uma maneira menos organizada já poder imaginar pistas e indícios não evidentes.

Na etapa da seleção das unidades de análise (ou unidades de significados) é onde o pesquisador define qual será a seleção das unidades de análise, pois é nesse ponto que ele, o pesquisador, será orientado pelas questões de pesquisa que necessitam ser respondidas. Na maioria das análises são inseridas palavras, sentenças, frases, parágrafos ou um texto completo de entrevistas, diários ou livros. Até por isso, há uma variada gama de opções dos recortes a serem empregados, mas existe interesse maior pela análise temática (temas). Esse tema pode ser uma escolha do próprio autor, que a viu por meio dos objetivos da pesquisa e por consequência do contato com o material estudado e teorias embasadoras.

As evidências das unidades de análise temáticas, que são recortes do texto, consegue-se após um método dinâmico e indutivo de atenção ora concreta a mensagem explícita, ora as significações não aparentes do contexto. Neste momento, é difícil esboçar com absoluta transparência os motivos da escolha deste ou daquele fragmento, sem que se leve em consideração que a relação que se processa entre o pesquisador e o material pesquisado é de intensa interdependência. Por isso, são utilizados os objetivos do trabalho e algumas teorias como primeiros indicadores, mas, não se pode na análise dissociar-se da utilização de recursos mentais e intuitivos que muitas vezes transcendem as questões postuladas e são extremamente necessárias a uma análise deste porte.

Neste ininterrupto ir e vir entre os objetivos do trabalho, teorias e intuições do pesquisador, surgem as unidades de análise que posteriormente serão categorizadas, como vamos mostrar a seguir.

Para Bardin (1977), o processo de categorização pode ser definido como uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero. Por isso, podemos descrever as categorias como grandes enunciados que abarcam um número variável de temas, segundo seu grau de proximidade, e que através de sua análise, darem significados e elaborações importantes que respondam aos objetivos de estudo e criem novos conhecimentos, proporcionando uma visão diferenciada sobre os temas propostos. As categorias utilizadas podem ser apriorísticas ou não apriorísticas.

Se apriorística, o pesquisador de antemão já possui, segundo, experiência prévia ou interesses, categorias pré-definidas. Geralmente de larga abrangência e que poderiam comportar sub-categorias que emergissem do texto. Entre os prós e os contras desse tipo de categorização estão inicialmente as comodidades de um certo balizamento, o que permitiria ao pesquisador classificar diretamente suas unidades de análises dentro destas categorias preferenciais e a partir daí diversificá-las em subcategorias. No entanto, percebe-se nitidamente que muitas vezes, partir de categorias pré-definidas pode limitar a abrangência de novos conteúdos importantes que por algum motivo não se “encaixem” nessas categorias prévias, promovendo um certo “engessamento” das categorias temáticas.

No caso da escolha pela categorização não apriorística, da pesquisa, o que inicialmente exige do pesquisador um intenso ir e vir ao material analisado e teorias embasadoras, além de não perder de vista o atendimento aos objetivos da pesquisa.

De acordo com Franco (1986), a verdade é que não existem fórmulas mágicas que possam orientar o pesquisador na categorização, e que nem é aconselhável o estabelecimento de passos norteadores. Em geral, o pesquisador segue seu próprio caminho baseado nos seus conhecimentos teóricos, norteado pela sua competência, sensibilidade, intuição e experiência.

É oportuno ressaltar aqui, que existe um outro ponto que pode causar a primeira vista polêmica, no momento do agrupamento das unidades de análise que constituirão categorias, ou seja, fazê-lo por freqüenciamento ou quasiquantitativa (repetição de conteúdos comuns à maioria dos respondentes) ou por relevância implícita (tema importante que não se repete no relato de outros respondentes, mas que guarda em si,

riqueza e relevância para o estudo).

Pensamos que as duas modalidades não são excludentes, como já comentamos anteriormente sobre o falso conflito entre qualitativistas e quantitativistas. Citamos aqui para exemplificar, o uso dessas duas técnicas em nossa tese de doutorado, na qual definimos os significados atribuídos ao tratamento de hemodiálise pelos doentes renais crônicos.

Conjuntamente na formação das categorias e subcategorias, é prudente a codificação das unidades de análise para que essas não se percam na diversidade do material trabalhado. Codificar é o processo através do qual os dados brutos são sistematicamente transformados em categorias e que permitam posteriormente a discussão precisa das características relevantes do conteúdo (CAMPOS, 1986).

O processo de codificação, ou seja, a marcação das unidades de análise, com sinais ou símbolos que permitam seu agrupamento posterior (em categorias ou subcategorias), geralmente é muito individual, cabendo ao pesquisador se valer da forma que mais lhe agrade. Percebemos, em nossa experiência, que a codificação alfanumérica tem a preferência de boa parte deles.

Percebemos que no exercício da categorização se abre um leque de categorias, principalmente quando se escolhe o meio não apriorístico, sendo que esta etapa é exaustiva e deve culminar com movimentos de reagrupamento e configuração final das categorias e subcategorias.

Apesar de didaticamente, esse item aparecer em uma seqüência lógica, acreditamos que o exercício de compreensão e discussão dos dados ou resultados é um processo que possa ser feito conjuntamente com os outros passos da análise, ou seja, à medida que são feitos, os idos e vindos ao material, ao corpo teórico norteador, referencial pessoal do pesquisador e suas inferências.

Esse processo coloca o pesquisador em um momento, solitário, pois ele vivenciou a coleta de dados e manteve por todo este período contato com seus sujeitos de pesquisa, angariando dados e percepções que só ele teve acesso. No entanto, viés da percepção e escrutínio pode acontecer, mesmo as teorias pessoais do pesquisador podem vir acompanhadas de idéias pré-concebidas ou cristalizadas sobre o fenômeno, desta forma se faz necessário o ajuizamento desta análise como veremos a seguir na sua validação.

Como no processo de coleta de dados, no uso dos instrumentos e técnicas, também é necessária uma validação da análise procedida pelo pesquisador. Existem

diversas formas de se realizar essa validação, por exemplo, na triangulação de teorias, na qual se analisa os dados tomando por base várias teorias e tenta-se encontrar validade intrínseca pelo embasamento de cada uma delas.

Mais comumente tem-se usado à validação externa, por juízes e pelos pares. Também se pode apresentar os resultados, aos pares, nos grupos de discussão e pesquisa, apresentando e debatendo os resultados nestes fóruns.

Fazer uma abordagem do método de análise de conteúdo, significa demonstrar sua versatilidade, mas também seus limites enquanto técnicas. Vislumbramos assim, que o desenvolvimento deste método passa invariavelmente pela criatividade e pela capacidade do pesquisador qualitativo em lidar com situações que, muitas vezes, não podem ser alcançadas de outra forma. De qualquer maneira é uma importante ferramenta na condução da análise dos dados qualitativos, mas deve ser valorizado enquanto meio e não confundido como finalidade em um trabalho científico.

Em relação à investigação sobre os critérios de noticiabilidade utilizados pela equipe do Globo Esporte da TV Cabo Branco usamos o método da entrevista semi-estruturada com o Expedito Madruga, coordenador de esportes da Rede Paraíba e editor do Globo Esporte Já com Lucas Barros, repórter de João Pessoa do Globo Esporte, e Mário Aguiar, repórter do Globo Esporte em Campina Grande que também assumiu a função de gestor de conteúdo esportivo da TV Paraíba, de Campina Grande, usamos a entrevista estruturada.

A entrevista com Expedito Madruga aconteceu de maneira presencial, no dia 26 de agosto de 2019, na sede da TV Cabo Branco, localizada no bairro Tambiá, em João Pessoa, capital da Paraíba. As entrevistas com Mário Aguiar e Lucas Barros foram feitas no decorrer do mês de dezembro de 2019, por meio do aplicativo de mensagem WhatsApp.

Para nós entendermos a técnica da entrevista e seu uso num trabalho acadêmico é necessário definir e entender o que de fato é uma pesquisa. Rosa e Arnoldi (2006) e definem a pesquisa como uma modalidade de investigação que possibilita e produz entendimento novo a respeito de uma área ou de um fenômeno, sistematizando-o em relação ao que já se sabe.

É pela pesquisa que podemos chegar ao conhecimento. É nela, que fazemos uso de variados mecanismos para chegarmos à uma resposta mais precisa. Pois, o pesquisador faz uso dela para alcançar resultados ideais já estipulado por ele mesmo em sua busca por conhecimento.

Para Ribeiro (2008), a entrevista é um instrumento do qual se servem

constantemente, e com maior profundidade, os pesquisadores das áreas das ciências sociais e psicológicas, pois, buscam-na sempre que têm necessidade de obter informações que não podem ser obtidas em registros e fontes documentais, podendo estes serem fornecidos por determinadas pessoas.

Para as duas modalidades de entrevista, Mazini (2003) enumera alguns cuidados que o pesquisador deve tomar ao fazer as questões para o entrevistado: 1) cuidados quanto à linguagem; 2) cuidados quanto à forma das perguntas; e 3) cuidados quanto à seqüência da perguntas nos roteiros. Pois para o autor, a entrevista é uma aplicação prática da construção teórica apresentadas anteriormente no trabalho. Porque partimos da prerrogativa de que uma boa entrevista começa com a formulação de perguntas básicas, que deverão atingir o objetivo de pesquisa.

Em se tratando da entrevista semi-estruturada, atenção tem sido dada à formulação de perguntas que seriam básicas para o tema a ser investigado (MANZINI, 2003). Porém, uma questão que antecede ao assunto perguntas básicas se refere à definição de entrevista semi-estruturada.

Já a entrevista semi-estruturada é direcionada para um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Para esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

Segundo Gil (1999), no caso da entrevista estruturada, ela se desenvolve a partir de uma relação fixa de perguntas, onde a ordem e redação permanecem invariáveis para todos os entrevistados. Algumas das principais vantagens em se utilizar a entrevista estruturada, estão na sua rapidez e no fato de não exigirem exaustiva preparação dos pesquisadores, o que implica em custos relativamente baixos. Outra vantagem é possibilitar a análise estatística dos dados, já que as respostas obtidas são padronizadas, mas isto ocasiona em contrapartida, na não possibilidade de análise dos dados com uma maior profundidade.

A entrevista desempenha um papel crucial para uma pesquisa científica se combinada com outros métodos de coleta de dados, intuições e percepções providas dela, podem melhorar a qualidade de um levantamento e de sua interpretação. Independente de qual tipo de entrevista o pesquisador irá fazer uso, cada uma delas exigirá habilidade e minuciosos cuidados em sua execução. Devido a isso, torna-se difícil indicar qual é a melhor mforma de se conduzir uma entrevista, pois isso depende

dos seus objetivos de cada pesquisador, bem como das circunstâncias que a envolvem.

Por isso, a função do entrevistador no processo de análise e avaliação da entrevista é fundamental. As informações obtidas das respostas dos entrevistados possuem subjetividade, o que pode tornar, perigosa e densa a técnica da entrevista.

o papel do entrevistador, mas como responsável por proceder a uma profunda avaliação, classificando e categorizando as respostas, e organizando-as de acordo com o conteúdo e com o tema, selecionando as palavras e solicitando, às vezes, maiores esclarecimentos, através de novos questionamentos, quando necessários. Outra grande dificuldade é que as falas são produzidas e elaboradas por sujeitos com diferentes recursos reflexivos e com maior ou menor facilidade de expressão verbal. Ribeiro (2008, p.130).

Os programas foram assistidos por meio do Globo Play, com um total de 4 horas e 6 minutos de gravação. Feita a observação, foi quantificada a participação de cada esporte no telejornal, a produção de cada praça (João Pessoa e Campina Grande), a participação dos repórteres, os modelos dos conteúdos exibidos e o tempo médio do programa.

Diante desse montante de informações, nós os processamos para categorizar e analisar de acordo com os pressupostos da análise de conteúdo. A análise de conteúdo, amplamente empregada em pesquisas na área de Comunicação, é bastante útil na pesquisa jornalística para identificar tendências e modelos de critérios de noticiabilidade (HERZCOVITZ, 2008).

Para facilitar o tratamento e compreensão dos dados obtidos nas análises foram elaborados gráficos com informações tais como formato do conteúdo (reportagem, entrada ao vivo ou nota coberta), qual emissora produziu o material (TV Cabo Branco, TV Paraíba ou se o jornalístico fez uso de reportagem de outra filial da Rede Globo), quais os esportes abordados pelo jornalístico, além disso, foi feita uma média de tempo de duração semanal do Globo Esporte Paraíba, pois as 24 edições analisadas foram distribuídas por semanas, um total de cinco, com o objetivo melhor de quantificar e categorizar as análises.

A partir de agora procederemos à análise do corpus desta pesquisa, com base na divisão em cinco semanas, organizadas nos seguintes tópicos analisados a seguir: 1) As primeiras impressões da amostra; 2) Algumas características começam a se destacar; 3) Futebol, Cabo Branco e reportagem ditam o ritmo do jornalístico; 4) A equipe do GE busva e quer democracia, mas o futebol é pauta dominante e, por último, 5) Sem futebol como pauta, o tempo de produção do GE “cai pelas tabelas”.

#### 4.1 AS PRIMEIRAS IMPRESSÕES DA AMOSTRA

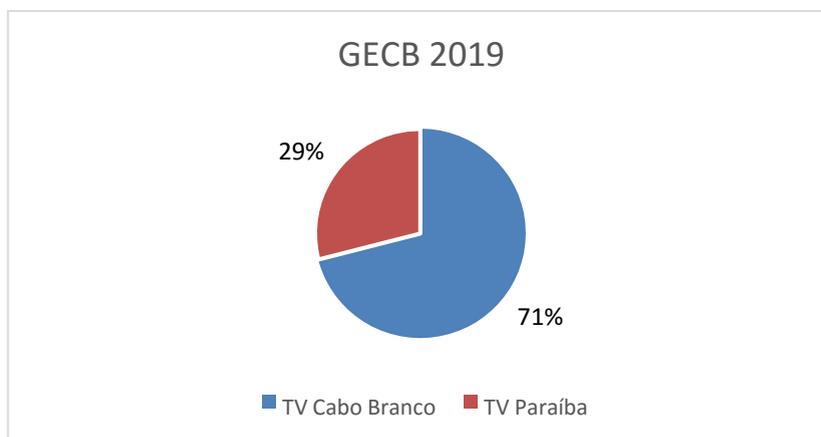
A primeira semana do mês de agosto, As primeiras impressões de uma pequena amostra, contou com as edições de quinta e sexta, respectivamente dos dias 1 e 2, visto que a edição de sábado foi suprimida pela edição nacional, por pedido da rede, segundo informou Expedito Madruga.

Nessas duas datas o telejornal exibiu 14 matérias, compostas por reportagens, entradas de repórteres ao vivo, sonoras ou notas cobertas. Desse montante, 10 conteúdos foram produzidos pela equipe de João Pessoa enquanto que quatro foram feitas pelos profissionais de Campina Grande, sendo eles Mário Aguiar e Laísa Grisi.

A primeira edição analisada consta com oito materiais. Sendo apenas uma não relacionada ao futebol. Ela é voltada para falar sobre natação. A reportagem assinada por Laísa Grisi, falou do título da equipe do SESI, de Campina Grande, no Campeonato Norte Nordeste Centro-Oeste de natação master. Sobre as demais, quatro falam sobre o campeonato paraibano de futebol masculino sub-19, já sendo esta uma demonstração que o futebol é predominante sobre o Globo Esporte Paraíba, pois se já é difícil para os demais esportes, na categoria principal, ganhar destaque no noticiário, o futebol, desde as categorias de base, e até mesmo competições amadoras, são noticiadas no GE.

Dos seis materiais vinculados no dia 2, quatro foram sobre futebol, sendo dois sendo o Campeonato Paraibano Sub-19, os outros dois esportes noticiados foram o futsal e o tênis de areia. As notícias sobre futebol abordaram, em duas reportagens os gols e resultados da última rodada da fase de classificação do Campeonato Paraibano Sub-19. Também foram exibidas reportagens falando sobre os últimos ajustes do Botafogo antes de o jogo diante o Confiança, em João Pessoa, e a preparação do Treze antes de o jogo contra o Sampaio Correia, no Maranhão. A reportagem sobre futsal mostrou o título da equipe Philipeia/Botafogo no Campeonato Paraibano de Futsal.

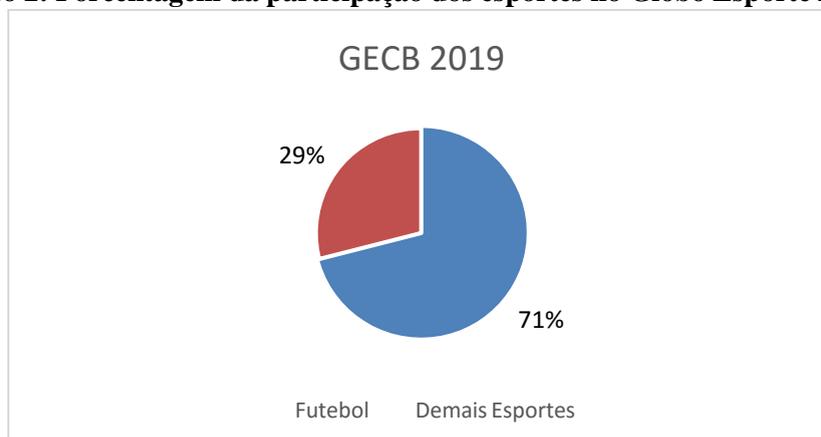
O gráfico a seguir mostra a contribuição de cada equipe de jornalismo no material produzido durante as duas primeiras edições analisadas por esta pesquisa.

**Gráfico 1: Porcentagem da participação das afiliadas no Globo Esporte Paraíba**

**Fonte: Do autor**

Dos 14 conteúdos, 11 são referentes ao universo do futebol, sendo as três exceções, conteúdo sobre natação, futsal e tênis de areia.

Segundo o editor (MADRUGA, Expedito, 2019, declaração oral.), “nós buscamos constantemente fazermos um programa que abranja os mais variados esportes, não primamos por fazer só futebol, temos como regra sermos plural”. Embora seja uma fala constante do editor do Globo Esporte, os números mostram aqui, e também na sua sequência uma presença massiva de matérias que envolvem o universo futebolístico. O gráfico a seguir mostra que embora exista uma preocupação com a participação das mais variadas modalidades esportivas, o futebol está presente em quase três quartos de seu conteúdo.

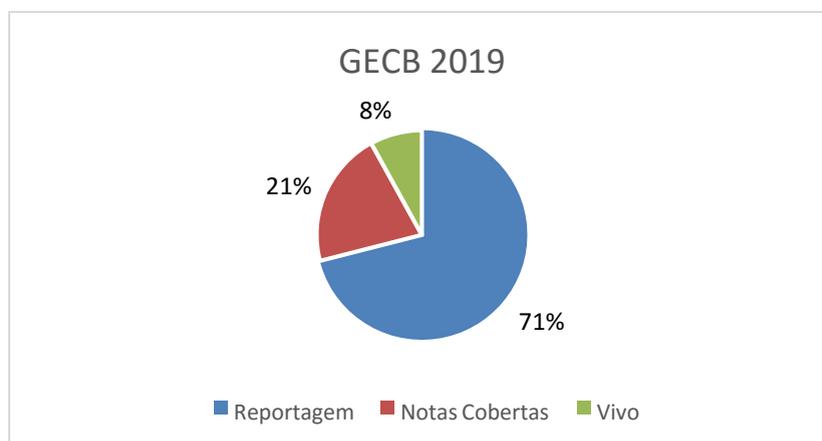
**Gráfico 2: Porcentagem da participação dos esportes no Globo Esporte Paraíba**

**Fonte: Do autor**

Na primeira semana, foram apresentadas 10 reportagens, três notas cobertas e uma entrada ao vivo. Ainda de acordo com Expedito (2019), tanto pelo fato de João Pessoa e

Campina Grande terem uma equipe fixa de esporte, o grande material exibido vem dos repórteres que trabalham quase que unicamente com esporte, Lucas Barros, em João Pessoa, e Mário Aguiar, em Campina Grande. Algo que nem sempre foi assim, onde antes era designado algum outro repórter para cobrir as notícias esportivas que aparecessem.

**Gráfico 3: Porcentagem dos conteúdos no Globo Esporte Paraíba**



**Fonte: Do autor**

O único repórter presente nessas duas edições, de João Pessoa, foi Lucas Barros, com quatro reportagens, sendo duas sobre futebol, uma sobre futsal e outra sobre tênis de areia. De Campina Grande, a única repórter presente foi Laísa Grisi com três reportagens, sendo duas falando sobre a Campeonato Paraibano de Futebol Sub-19 e outra sobre natação. O tempo de cada reportagem ficou entre um minuto e meio a no máximo dois minutos.

Além dos repórteres, Expedito Madruga, coordenador de Esportes do Sistema Paraíba, que exerce a função de editor- chefe do jornalístico, contribui com duas reportagens, onde após a produção do jornalístico receber as imagens de dois jogos, ele fez a apuração de quem fez os gols e quais as consequências no campeonato diante os resultados, fazendo assim todo o texto e Kako Marques fez a narração do eventos. O apresentador Kako Marques contribui com uma reportagem. A média de duração dos dois programas analisados deu 11 minutos e 55 segundos.

Partiremos agora para a análise da segunda semana, de 5 a 9 de agosto de 2019.

#### **4.2 ALGUMAS CARACTERÍSTICAS COMEÇAM A SE DESTACAR**

Na segunda semana de análise, as exibições do Globo Esporte novamente não

foram completas, pois mais uma vez a Rede Globo pediu para usar todo o tempo do programa em sua exibição ao sábado, fazendo com que houvesse cinco edições na semana.

Nas edições da semana, o jornalístico apresentou um total de 29 materiais. Mais uma vez, a maior parte da produção do conteúdo exibido foi feita pelos profissionais de João Pessoa. Foram ao total 21 materiais produzidos pela equipe de João Pessoa e apenas 7 pelos profissionais de Campina Grande. Na edição do dia 6 de agosto, o Globo Esporte exibiu os gols de dois jogos de times que faziam parte do mesmo grupo que os paraibanos Botafogo e Treze no Campeonato Brasileiro de Futebol da Série C, que foram os jogos Globo-RN e Náutico-PE, como imagens da TV Cabugi, e Ferroviário-CE contra ABC-RN, com imagens da TV Verdes Mares.

Embora a captação das imagens não sendo feitas nem pela TV Cabo Branco nem como pela TV Paraíba, consideramos como uma reportagem feita pela equipe de João Pessoa, já que a narração foi de KakoMarques, e o texto foi de Expedito Madruga, além da própria edição de vídeo que juntou os gols das partidas num mesmo vídeo, com o total de um minutos e dois segundos.

A primeira edição da segunda semana analisada, do dia 5, teve sete materiais exibidos. O programa foi aberto com uma reportagem de Zuila David, relatando os acontecimentos do torneio de tênis de mesa, que já fora anunciado na edição do dia 2, pelo vivo de Lucas Barros. Os seis demais materiais foram voltados ao universo do futebol. A novidade dessa foi uma reportagem sobre o campeonato paraibano masculino sub-17 e posteriormente uma nota coberta falando sobre os próximos jogos da referida competição.

No dia 6, a edição contou com cinco materiais. Deles, apenas um fugiu do universo do futebol. A reportagem de abertura do jornalístico, de Lucas Barros, falou sobre o universo do ciclismo, onde a dupla paraibana Rayssa e Talita foi vice-campeã do Brasil Ride na categoria Pro dupla feminina, principal prova aberta de ciclismo mais importante do País.

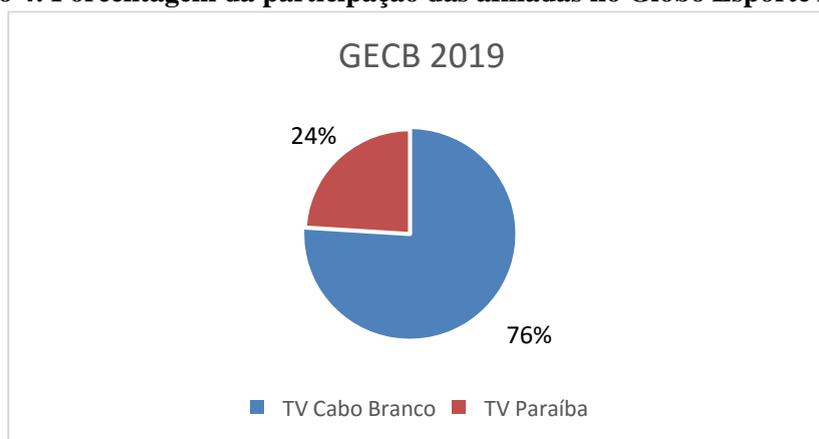
Na exibição do dia 7, foi registrado a primeira edição onde houve uma maioria de materiais de esportes sem ser futebol. Dos cinco conteúdos exibidos, três foram sobre taekwondo, basquete e uma nota coberta sobre paraibanos no Pan-Americano de Lima, no Peru, falando do desempenho no disco e no vôlei de quadra. Os conteúdos de futebol foram uma nota coberta sobre o campeonato paraibano masculino sub-17 e uma reportagem de Lucas Barros sobre o Botafogo no Campeonato Brasileiro Masculino da

Série C.

O programa do dia 8 contou apenas com uma reportagem sem ser relacionada ao futebol. Foi sobre o sucesso do atleta de handebol paraibano Acácio Moreira, que atua na Espanha. Na reportagem ele falou da carreira intencional e suas expectativas para a próxima temporada e seleção brasileira. As outras três reportagens foram sobre os jogos de semifinais do campeonato paraibano sub-17 e o treino do Botafogo.

O Globo Esporte do dia 9 contou com seis materiais. Sendo duas de futebol e quatro de outros esportes. As do futebol falaram sobre o treino fechado do Botafogo e a outra com Celso Teixeira, técnico recém chegado Treze, que fez um vivo com Mário Aguiar, falando sobre seus planos para a reta final da Série C. Os outros quatro materiais falaram sobre a volta da campeonato paraibano de kart, os preparativos da Meia Maratona de João Pessoa e a formação do elenco da equipe de basquete Unifacisa, já visando o NBB, campeonato brasileiro da modalidade.

**Gráfico 4: Porcentagem da participação das afiliadas no Globo Esporte Paraíba**



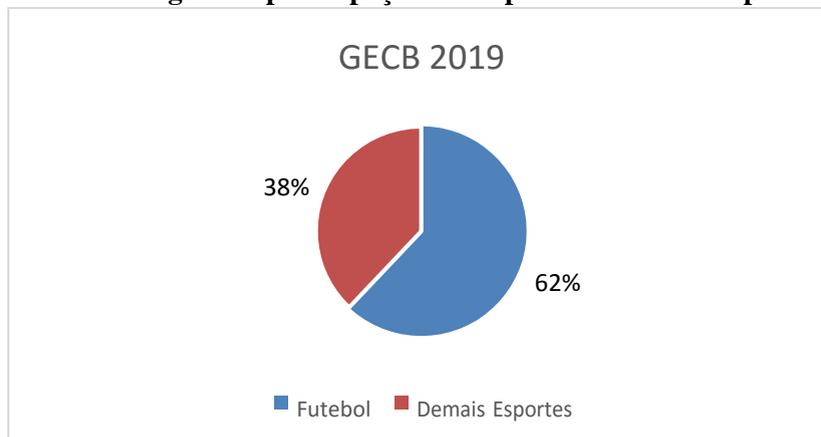
**Fonte: Do autor**

O gráfico 4 mostra mais uma vez que mesmo sendo uma versão estadual do Globo Esporte, há uma dominância na produção e no conteúdo exibido. Onde os assuntos da Capital se sobressaem sobre os assuntos oriundo de Campina Grande, isso mesmo com cada cidade tendo um representante na Série C de futebol.

No período foram exibidos 18 materiais sobre futebol. Para os demais esportes, apenas o basquete teve mais de uma menção, um total de três. Isto ocorreu porque se tratava da reta final da fase de classificação da Série C, onde o Botafogo estava brigando pela classificação à próxima fase e o Treze estava na luta para fugir do rebaixamento à Série D, além disso havia já a expectativa de quando ambos se enfrentassem na última rodada um atrapalhar o objetivo do outro.

Os demais esportes que apareceram no Globo Esporte da TV Cabo Branco foram: tênis de areia, ciclismo, taekwondo, lançamento de disco, vôlei, handebol, automobilismo e corrida de rua. O resultado apresentado não fica tão distante do que foi visto no material coletado da primeira semana, onde ficou registrado uma diminuição da presença de futebol no conteúdo do Globo Esporte da TV Cabo Branco de 5%.

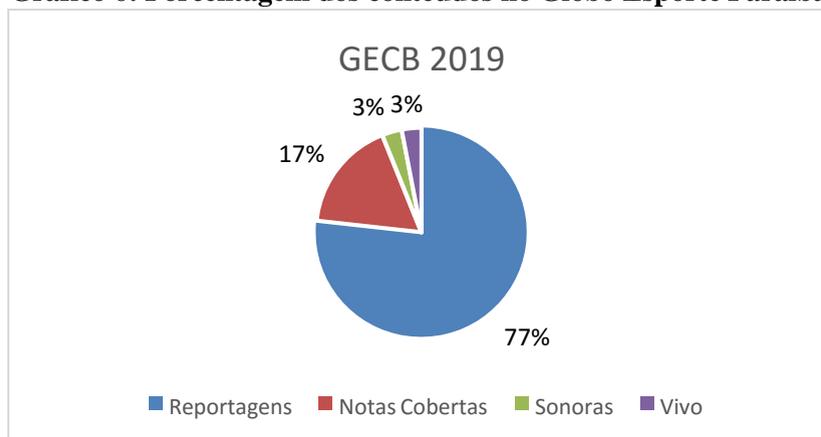
**Gráfico 5: Porcentagem da participação dos esportes no Globo Esporte Paraíba**



**Fonte: Do autor**

Os 29 materiais apresentados ao longo da semana foram divididos da seguinte maneira: 22 reportagens, cinco notas cobertas, uma sonora e uma entrada ao vivo. Os números não foram tão diferentes dos apresentados pelo telejornalísticos anteriormente. As reportagens continuam como protagonistas na maneira de transmitir conteúdo, tendo as notas cobertas como auxiliares informativos e as entradas ao vivo de repórteres continuam escassas, assim como a utilização de sonoras.

**Gráfico 6: Porcentagem dos conteúdos no Globo Esporte Paraíba**



**Fonte: Do autor**

Nessa segunda semana houve uma maior variação nos repórteres que apareceram no Globo Esporte. Ao total, oito profissionais marcaram presença no telejornal. De João Pessoa foram: Lucas Barros, com oito aparições, Zuila David, Danilo Alves e Ítalo de Lucena, cada um com uma aparição. Expedito Madruga contribuiu com uma reportagem com narração de Kako Marques. Os repórteres que levaram notícias de Campina Grande foram: Laísa Grisi e Mário Aguiar, ambos com duas aparições, e Felipe Valentim e Waléria Assunção, ambos com uma aparição.

A média semanal do Globo Esporte foi de 10 minutos e 47 segundos. Uma diminuição de mais de um minuto em comparação à semana anterior. O programa do dia 5 de agosto foi apresentado pelo jornalista Danilo Alves, os demais dias foi apresentado por Kako Marques.

#### **4.3 FUTEBOL, CABO BRANCO E REPORTAGEM CONTINUAM DITANDO O RITMO DO JORNALÍSTICO**

Pela segunda vez no mês, o Globo Esporte da TV Cabo Branco foi exibido seis vezes durante a semana, de segunda a sábado. Mesmo assim, o número de materiais exibidos durante as exibições entre os dias 12 a 17 de agosto, foi o mesmo número da semana anterior: 29 materiais. Desse montante, três reportagens foram reaproveitadas de outras praças, sendo duas delas da Globo Nordeste e uma da TV Sergipe, afiliada da Rede Globo no estado de Sergipe.

A reportagem usada da TV Sergipe foi sobre a cobertura do jogo entre Confiança-SE e Treze-PB, em jogo válido pelo grupo A da terceira divisão de futebol. A primeira reportagem utilizada da Globo Nordeste foi para mostrar como a classificação da Série C do Campeonato Brasileiro de Futebol estava muito apertada. A outra reportagem usada da Globo Nordeste foi para demonstrar o histórico de confrontos entre Botafogo da Paraíba e Náutico, de Pernambuco, embora o jogo tenha ocorrido em João Pessoa.

Ao total, foram 24 reportagens exibidas durante a semana, três notas cobertas e duas sonoras. Na terceira semana analisada não foi feito o uso de repórteres ao vivo, como na semana anterior, porém o uso de sonoras foi usado novamente.

A primeira edição da terceira semana analisada, do dia 12, teve seis materiais exibidos. Sendo cinco de futebol e uma de corrida de rua. A reportagem da corrida de rua foi sobre os acontecimentos da Meia Maratona de João Pessoa, já anunciada durante a semana anterior. Os outros materiais exibidos falaram sobre as vitórias de Botafogo e

Treze, na Série C, e mais duas sobre os jogos de volta do campeonato paraibano sub-17. O quinto material exibido foi uma nota coberta relatando a morte de Eduardo Feliciano, torcedor do Botafogo morto em confronto com a polícia militar do Rio Grande do Norte.

O programa do dia 13 contou com cinco materiais. Quatro referentes ao futebol e um sobre atletismo. O material fez um apanhado sobre as provas de atletismo durante os Jogos Escolares Estaduais da Paraíba, que reuniu estudantes-atletas dos 12 aos 17 anos. Os quatro materiais sobre futebol abordou a sequência de duas vitórias do Botafogo na Série C, outro material fez um resumo dos jogos do grupo A da Série C, onde estavam Botafogo e Treze, o terceiro conteúdo contou como o técnico Celso Teixeira estava moldando a equipe do Treze, e para finalizar, a tabela e próximos jogos da Série C.

A edição do dia 14 contou com quatro materiais. Sendo duas de futebol, uma de vôlei de praia e outra sobre corrida de rua. A reportagem sobre o vôlei de praia falou da formação da dupla Vitor Felipe e Ricardo. Sobre corrida de rua foi falado sobre a Corrida em Família, em Campina Grande, que contou com uma sonora da organizado do evento, Luciana Castro. As reportagens sobre futebol falaram sobre a preparação do Botafogo para a reta final da Série C e sobre a decisão do campeonato paraibano sub-19 entre Perilima e Sapé.

No jornalístico do dia 15, quatro conteúdos foram exibidos. Os três de futebol contaram os acontecimentos dos jogos de Treze e Botafogo na Série C, do primeiro jogo da final do campeonato paraibano sub-19. O conteúdo sobre natação falou da volta às piscinas do atleta Kaio Márcio, onde ele iniciou os treinamentos mirando as Olimpíadas de Tóquio 2020.

No dia 16 foram ao ar cinco materiais. O que falou sobre os Jogos Escolares Estaduais da Paraíba falou sobre tênis de mesa, handebol e para-escolares. Os outros quatro conteúdos falaram sobre futebol. Mais especificamente sobre o jogo de volta da final do campeonato paraibano sub-19, da preparação do Treze para o jogo contra o Confiança, os preparativos do Botafogo para o jogo contra o Náutico, e exibiram uma matéria da Globo Nordeste falando sobre a situação do grupo A da Série C.

No último programa analisado da terceira semana, do sábado, dia 17, seguiu o modelo do dia anterior. Foram cinco materiais exibidos, sendo um a não falar sobre futebol, que foi a respeito da final do handebol masculino em 15 a 17 anos, dos Jogos Escolares Estaduais da Paraíba. Houve uma nota sobre cobertura sobre a final do campeonato paraibano sub-19, as expectativas do próximo jogo do Treze, foi utilizado uma reportagem da Globo Nordeste sobre o jogo entre Botafogo e Náutico, e a última

reportagem falou do clima de mistério que vivia o Botafogo para o jogo.

**Gráfico 7: Porcentagem de conteúdo das afiliadas no Globo Esporte Paraíba**



**Fonte: Do autor**

O esporte mais presente no noticiário esportivo foi o futebol. Ele esteve presente em 22 materiais exibidos durante a semana. As outras modalidades esportivas presentes do Globo Esporte da TV Cabo Branco foram corrida de rua (duas vezes), atletismo, vôlei de areia, natação, handebol. Uma reportagem exibida no dia 15 de agosto, falando sobre os jogos escolares estadual, citou as modalidades do tênis de mesa e handebol e também falou sobre as competições paralímpicas.

Em entrevista, o repórter Lucas Barros falou como funciona o filtro para selecionar quais notícias ganharão exibição no Globo Esporte

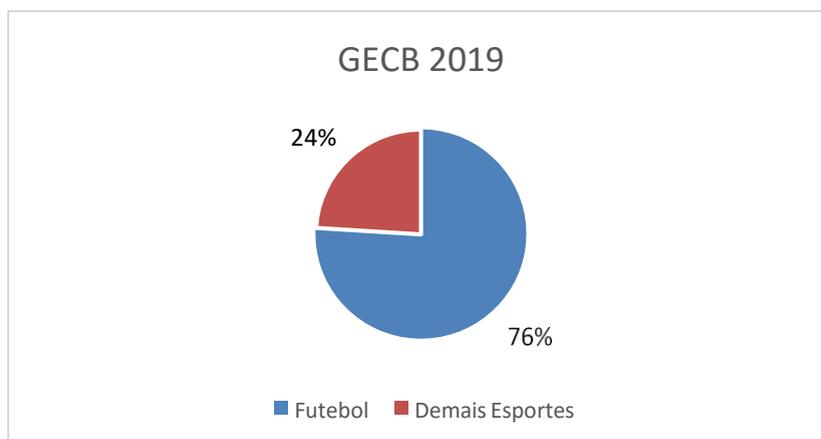
A gente sempre recebe muita sugestão de pauta durante o dia e a partir disso a gente decide o que é mais importante, o maior destaque para cobrir. Se alguma atleta foi campeão de judô, ou se foi medalha de prata na natação ou se obteve uma campanha de destaque no hipismo ou automobilismo, a gente vai vendo o que é mais atrativo. Até porque nós temos sempre duas pautas por dia, uma é de futebol e outra de outro esporte, seja olímpico ou não. (BARROS, Lucas, 2019, declaração oral.)

Tal afirmação do repórter demonstra o discurso alinhado de toda a equipe de produção da versão paraibana do Globo Esporte. Um ponto interessante na fala de Lucas Barros é a que o atleta ou equipe de outra modalidade que não seja o futebol, deve apresentar um grande feito em sua modalidade, pois é isso que também presenciamos no programa. Enquanto há sempre uma pauta de futebol por dia, e pode ser até sobre o treinamento do dia do Botafogo, as demais modalidades brigam entre si para conseguirem serem noticiadas no Globo Esporte, e raramente será para demonstrar o treino de uma equipe de handebol, por exemplo, mas sim se essa equipe for campeã nordestina.

E o gráfico 8 demonstra o que observamos acima, embora exista um empenho de

toda a equipe no equilíbrio dos esportes noticiados, o futebol mais uma vez é o noticiado. De cada quatro reportagem exibida no GE Paraíba, três são de assuntos relacionados ao futebol.

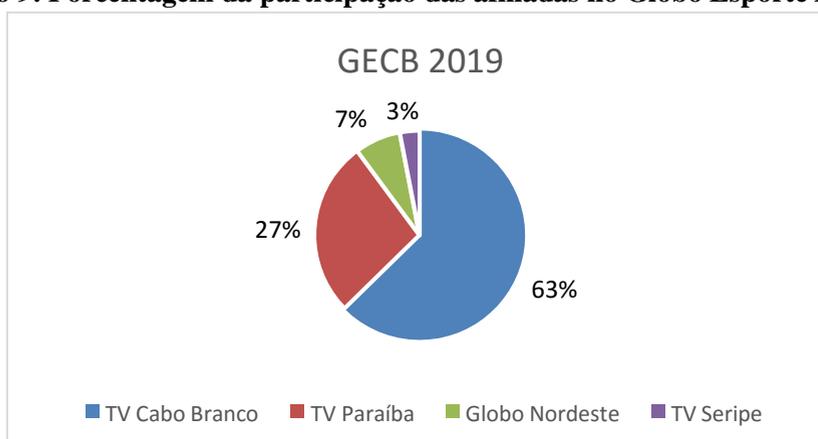
**Gráfico 8: Porcentagem da participação dos esportes no Globo Esporte Paraíba**



**Fonte: Do autor**

Como já citado acima, nem todas as reportagens da semana foram feitas pelas equipes de jornalismo de João Pessoa ou de Campina Grande. Foram 18 materiais feitos pela equipe de João Pessoa, oito materiais feito pelo jornalismo de Campina Grande, dois materiais produzidos pela Globo Nordeste e um material oriundo da TV Sergipe. A participação da TV Paraíba continuou praticamente a mesma em comparação à semana anterior, já sobre os materiais produzidos pela TV Cabo Branco, que produziu três a menos, a participação em porcentagem caiu quase 15 por cento.

**Gráfico 9: Porcentagem da participação das afiliadas no Globo Esporte Paraíba**



**Fonte: Do autor**

A terceira semana observada foi tão democrática quanto à anterior no que se refere

à variedade de repórteres que apareceram no Globo Esporte. Dos nove profissionais que apareceram no vídeo nem todos são das afiliadas da Rede Globo na Paraíba, como dito acima. Para falar sobre o jogo entre Confiança-SE e Treze, o repórter da matéria foi Guilherme Fraga, da TV Sergipe. Para trazer o resumo do jogo entre América-RN e Botafogo, foi usado a reportagem de Oscar Xavier, da TV Cabugy. E da Globo Nordeste, Tiago Medeiros, apareceu na matéria falando sobre a classificação da Série C.

Os repórteres que levaram notícias de João Pessoa: Lucas Barros, com oito aparições, e Herbet Araújo, com uma aparição. Expedito Madruga produziu quatro reportagens que foram narradas por Kako Marques. Os repórteres que levaram notícias de Campina Grande foram: Laísa Grisi, com duas aparições, e Mário Aguiar com uma aparição. A média semanal do Globo Esporte foi de 10 minutos e 20 segundos. Uma diminuição de 27 segundos em comparação à semana anterior. Todas as edições foram apresentadas por Kako Marques.

#### **4.4 A EQUIPE DO GE BUSCA E QUER DEMOCRACIA, MAS O FUTEBOL É PAUTA DOMINANTE**

Durante a quarta semana de observação do Globo Esporte, as cinco edições, do dia 19 ao dia 23, onde mais uma vez não houve a edição do sábado, contabilizou 23 materiais. Desse total, 20 foram no formato de reportagem, outras duas como notas cobertas e uma entrada ao vivo. Podemos notar, mais uma vez, um constante equilíbrio nessa divisão de conteúdo. Nos três formatos não houve mais que 5% de crescimento.

Dos seis materiais exibidos no primeiro programa, dia 19, da quarta semana analisada, quatro foram sobre futebol, uma falando sobre basquete e outra sobre corrida de rua. A reportagem sobre basquete abordou a paixão de uma equipe de uma escola pública de Patos que começou a treinar com bolas de futebol e chegou aos Jogos Escolares Estaduais da Paraíba. A reportagem sobre a Corrida em Família, em Campina Grande, falou da emoção em familiares correrem juntos. Os materiais sobre futebol abordaram o lançamento da Copa de Bairros de Futebol amador, sobre o título da Perilima do Campeonato Paraibano Sub-19, e os resultados dos jogos de Botafogo e Treze, pela Série

A edição do dia 20 contou com a exibição de cinco materiais. Três foram sobre futebol, uma sobre basquete e outra sobre vôlei de praia. Na abertura falou-se sobre a nova parceria da paraibana Andressa, no vôlei de praia, que deixou a atleta Juliana e se

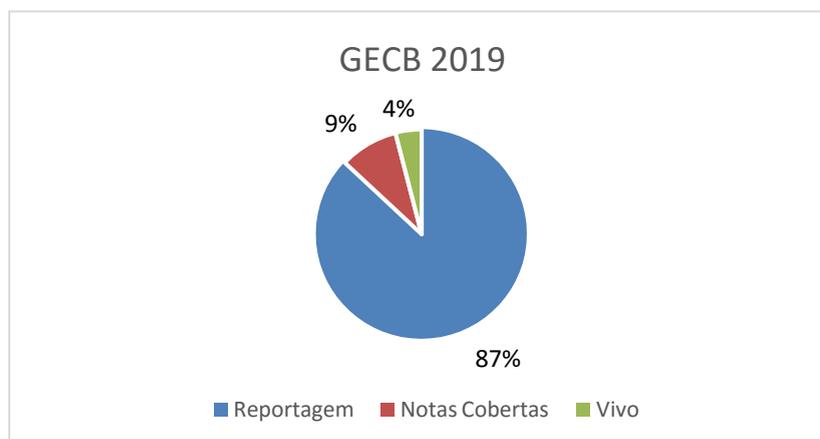
juntou a carioca Diana. Houve uma reportagem falando da apresentação de parte do elenco da equipe Unifacisa, para a disputa do NBB. Os conteúdos sobre futebol falaram sobre a apresentação oficial da Copa de Bairros de futebol, uma reportagem sobre a preparação do Botafogo para o último jogo da Série C contra o Treze e divulgaram a tabela da Série C e os jogos da última rodada.

No dia 21 houve apenas quatro materiais exibidos. Dois sobre futebol, um sobre jiu-jitsu e outro sobre karatê. A reportagem sobre jiu-jitsu contou a história de um trio paraibano de atletas mirins que se destacaram na etapa do Sul-Americana, realizada no Rio de Janeiro. A reportagem sobre karatê falou da história de dois jovens atletas que ganharam medalha no Open Nacional de Pernambuco. Em uma das reportagens sobre futebol, buscou-se contar os motivos que fizeram a Perilima ser campeã do Campeonato Paraibano Sub-19. E para finalizar, foi feita uma reportagem sobre a última rodada da Série C onde alguns torcedores falavam do otimismo da classificação para a próxima fase.

O programa no dia 22 foi bem semelhante ao do dia anterior. Foram quatro reportagens exibidas, a diferença é que apenas uma não foi sobre futebol. A reportagem em questão falou da paixão de dois irmãos gêmeos pelo judô, onde um deles até venceu o Campeonato Brasileiro de Judô, na categoria sub-13. Duas reportagens falaram da expectativa de Treze e Botafogo para o último jogo da Série C, onde eles se enfrentariam. E outro símbolo da importância do futebol no Globo Esporte Paraíba foi constatada pela reportagem que mostrou o jovem Ronan, de 14 anos, que faz parte das categorias de base do Grêmio. Na reportagem mostrou o cotidiano do jovem atleta com familiares e amigos, além de falar de sua vida como atleta do Grêmio, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

O último programa do quarta semana, do dia 23, também teve apenas quatro materiais exibidos. Dois sobre futebol, um sobre natação e outro sobre handebol de areia. A reportagem sobre o momento certo de colocar uma criança na prática esportiva, nesse caso a natação, mostrou pais e filhos na iniciação esportiva. Mais uma vez, dado a proximidade do jogo final entre Treze e Botafogo, cada praça, Campina Grande e João Pessoa, falou das expectativas de cada torcedor para o jogo. Foi exibido um vivo sobre a etapa de João Pessoa do Circuito Brasileiro de Handebol de Areia. O vivo contou com a participação de Thiago Gusmão, presidente do Novo Beach Handball Brasil.

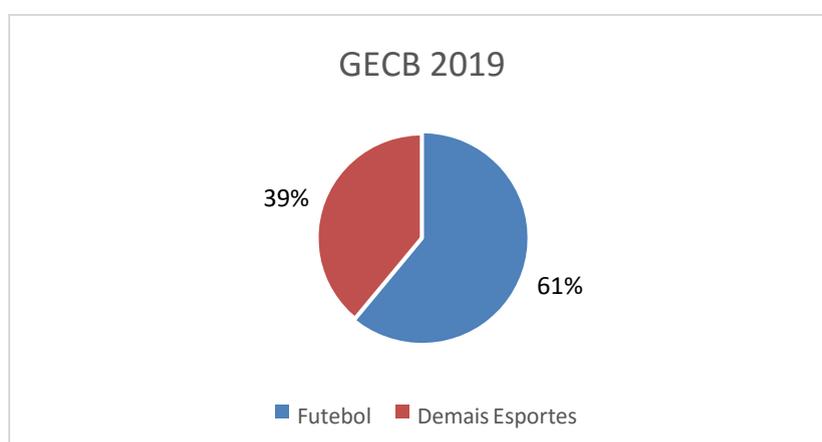
#### **Gráfico 10: Porcentagem de conteúdo no Globo Esporte Paraíba**



**Fonte: Do autor**

Os números da divisão de aparecimentos de futebol e demais esportes dá uma guinada em relação ao que vimos na semana passada, a divisão ficou de 76% para materiais de futebol e 24% para os demais esportes, e se assemelha bastante ao que vimos na segunda semana, onde o futebol representou 62% e o conteúdo voltado às outras modalidades esportivas registraram 38%. Esse aumento do domínio do conteúdo relacionado ao futebol se dá após a cobertura da Copa de Bairros de João Pessoa. O que reflete algo que já notamos nesta pesquisa, independente do que se trate, o futebol sempre terá um espaço privilegiado na grade de conteúdo do Globo Esporte Paraíba, pois até mesmo um campeonato amador de futebol ganhou um destaque nos dias 19 e 20.

**Gráfico 11: Porcentagem da participação dos esportes no Globo Esporte Paraíba**

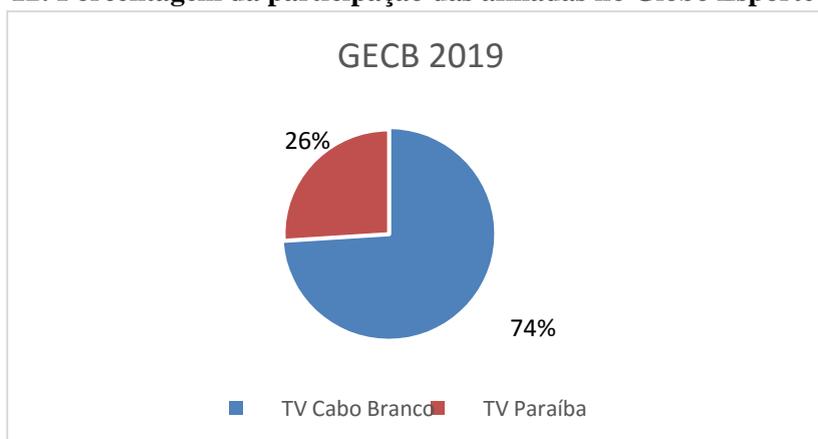


**Fonte: Do autor**

Diferente da semana anterior, onde houve participação de profissionais de outros estados no conteúdo apresentado pelo Globo Esporte, a quarta semana contou

exclusivamente com a participação de material produzido por suas equipes de João Pessoa e Campina Grande. E por isso mesmo voltou a ter média similares às das semanas anteriores, a exceção é claro, à média da terceira semana.

**Gráfico 12: Porcentagem da participação das afiliadas no Globo Esporte Paraíba**



**Fonte: Do autor**

A média semanal do GE da Paraíba ficou com o tempo de 10 minutos e 29 segundos. Número bem semelhante ao visto na segunda e terceira semana. O repórter de João Pessoa que mais apareceu em vídeo foi, mais uma vez, foi Lucas Barros, que contabilizou 10 aparições. Dos profissionais de Campina Grande houve a participação de três repórteres: Waléria Assunção, com quatro aparições falando sobre corrida de rua, basquete, karatê e judô; Mário Aguiar, com duas aparições falando sobre o Treze e sobre o Campeonato Paraibano de Futebol Sub-19; e Laísa Grisi, com uma aparição falando sobre o Treze. Além deles, Kako Marques, fez duas reportagens, onde ele também fez a narração das mesmas, mas não apareceu no vídeo, e Expedito Madruga, fez uma reportagem e Kako a narrou.

#### **4.5 SEM FUTEBOL COMO PAUTA, O TEMPO DE PRODUÇÃO DO GE “CAI PELAS TABELAS”**

A quinta e última semana analisada contou com seis edições analisadas, do dia 26 ao dia 31 de agosto. O número total de materiais exibidos na semana chegou a 33, sendo o maior número desta categoria, dentre as cinco semanas observadas. Como é o padrão do Globo Esporte, a maior parte desse material é apresentado no formato de reportagem, com uma participação sempre por volta de 30% de notas cobertas e uma ou outra sonora ou entrada ao vivo, onde essa última apareceu na quinta semana.

Na edição de segunda, 26, houve espaço para uma modalidade esportiva até mais

desprestigiada do que às outras modalidades citadas até agora, que são os esportes para pessoas com algum tipo de deficiência. Na citada edição, houve um nota que falou sobre a medalha de ouro do paraibano nos 400 metros rasos na classe T47 (para amputados de braço), no Jogos Parapan-Americanos, em Lima, no Peru. Na mesma edição foi dado destaque ao título nacional do paraibano George Wanderley na competição Superpraia, competição do Circuito Brasileiro de Voleibol de Praia que finaliza a temporada do calendário do vôlei de praia nacional.

As demais quatro reportagens foram sobre futebol, e aqui destacamos a exibição da reportagem assinada por Regis Rosing, exibida um dia antes no Esporte Espetacular, que teve como personagem o jovem paraibano Matheus Cunha, jogador de futebol do Red Bull Leipzig, que foi indicado ao título de gol mais bonito do mundo, prêmio chancelado pela FIFA.

Os materiais da edição do dia 27 se concentraram em falar como estavam o Treze e o Botafogo, após o término do Campeonato Brasileiro da Série C, onde ambos não foram rebaixados nem promovidos, e quais seriam os próximos passos e planejamento para 2020. Os esportes contemplados foram o motociclismo, onde o repórter Mário Aguiar, contou como foi a realização da quarta etapa da Copa Nordeste de Motocross, realizada em Marizópolis, interior da Paraíba. A outra modalidade reportada, por meio de uma hora coberta, foi sobre corrida de rua, mais precisamente sobre a 12ª CORRIDA CORONEL PM ELÍSIO SOBREIRA, realizada em Guarabira.

A edição do dia 28 foi bem dividida. Dos cinco materiais, três foram relacionadas ao futebol e duas relataram notícias do basquete e de corrida de rua. A reportagem de basquete, de Waléria Assunção falou sobre a equipe de basquete Unifacisa, equipe da cidade de Campina Grande, que meses antes tinha ganho o direito de disputar a primeira divisão do basquete nacional, o NBB (Novo Basquete Brasil). A outra reportagem também foi de Waléria Assunção, que falou dos preparativos para a entrega dos kits para a segunda Corrida Sesi Cultural, em Campina Grande, que seria realizada no final de semana seguinte.

Nessa edição podemos simbolizar a soberania do futebol sobre as demais modalidades, onde uma reportagem de Lucas Barros foi para falar da rotina nas férias e experiência no mundo do futebol do jogador chamado Edson Ratinho, e aproveitou para falar sobre a amizade com Rivaldo, ex-jogador de futebol que foi campeão da copa do mundo em 2002 com a seleção do Brasil.

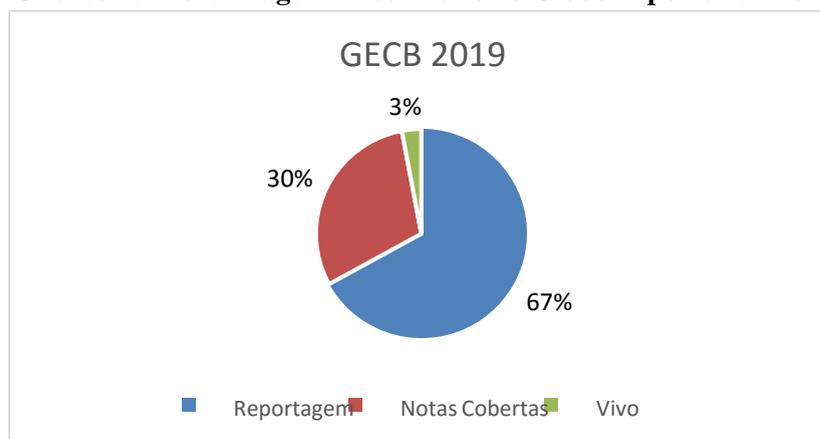
A edição do dia 29, o programa foi majoritariamente sobre futebol. Das sete

materiais exibidos, apenas um não foi relacionado ao futebol. O personagem da exceção foi novamente Petrucio Ferreira, para-atleta que estava disputando o Para-Pan e que havia ganho mais uma medalha, agora de prata, no revezamento universal (homens e mulheres) 4x100. Ao final das imagens onde mostra sua participação, Petrucio mandou um recado aos telespectadores.

O programa do dia 30 foi exclusivamente sobre futebol. Foi reportado notícias sobre atletas que deixaram e poderiam chegar ao Botafogo. O mesmo foi feito com o Treze, mas para saber se o técnico Celso Teixeira iria ficar ou sair. Houve uma nota sobre dois jogos da segunda divisão do campeonato paraibano: vitória do Auto Esporte sobre o Miramar e o jogo entre a Desportiva e Spartax, em Guarabira, onde a Desportiva foi considerada vencedora por W.O. Isto porque os visitantes mandaram a campo apenas cinco jogadores, sendo o mínimo de sete jogadores para que acontecesse a partida. Além disso, Lucas Barros fez uma reportagem sobre a Copa de Bairros de Futebol.

No último programa analisado, dia 31, houve quatro materiais. Sendo três sobre futebol, que podemos destacar a reportagem de Lucas Barros falando sobre o futuro do técnico do Botafogo, onde após uma semana de negociação, Piza decidiu ficar no comando do time do Botafogo para 2020. A reportagem que não falou sobre futebol deu destaque ao Campeonato Escolar Brasileiro de Vôlei de Praia, realizado durante a semana em João Pessoa. A competição reuniu 300 atletas entre 13 e 18, masculinos e femininos.

**Gráfico 13: Porcentagem de conteúdo no Globo Esporte Paraíba**

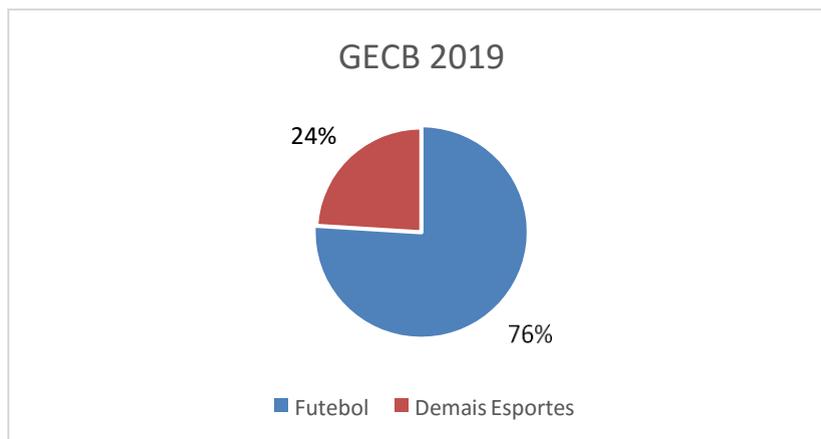


**Fonte: Do autor**

Embora no início dessa semana tenha acontecido o término do Campeonato Brasileiro da Série C, onde Botafogo e Treze participaram, o conteúdo sobre futebol não diminuiu ao longo da semana, já que foram destacados ao longo da semana a primeira e a segunda rodada do Campeonato Paraibano da Segunda Divisão. Dos 33 materiais

exibidos, 25 falavam sobre o futebol e oito sobre as demais modalidades esportivas. Mantendo-se, assim, na média das semanas anteriores.

**Gráfico 14: Porcentagem da participação dos esportes no Globo Esporte Paraíba**



**Fonte: Do autor**

Na segunda, dia 26, foi reexibido uma reportagem feita pelo repórter Regis Rösing, da Globo Rio, que fora exibida no dia anterior, no Esporte Espetacular, sobre o paraibano Matheus Cunha, que dias antes tinha sido indicado pela FIFA (Federação Internacional de Futebol) ao prêmio Ferenc Puskás, que premia o jogador que marcou o gol mais bonito do ano. Na quinta, dia 29, o repórter Lucas Barros fez uma reportagem com a família do atleta Matheus Cunha, novamente falando sobre a indicação ao prêmio. Assim, 24 materiais foram feitos pela equipe de João Pessoa, oito pela equipe de Campina Grande e uma pela Globo Rio.

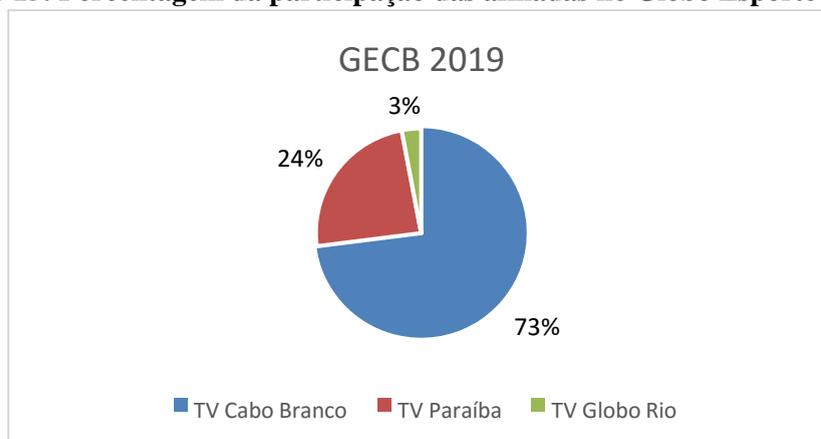
Para entendermos como funciona essa distribuição de participação de material produzido pela TV Cabo Branco e TV Paraíba, conservamos com o repórter e gestor de conteúdo esportivo da TV Paraíba, o jornalista Mário Aguiar, que falou com a funcionária da relação das duas afiliadas na busca por conteúdo para o Globo Esporte Paraíba.

Aqui em Campina Grande, na TV Paraíba, eu assumia não só o cargo de repórter mas também de gestor de conteúdo esportivo. Então, minhas conversas com Expedito eram frequentes. O de praxe é cobrir o dia das duas equipes de futebol daqui: Campinense e Treze. E além disso, sempre tivemos como objetivo noticiar um ou dois esportes que não fossem futebol, para fazer um equilíbrio. Além disso, quando noticiamos, por exemplo, as vantagens de que faz exercício, seja academia ou caminhada na terceira idade, há uma motivação para quem está assistindo começar a praticar. Ou para aquela pessoa, que mesmo jovem leva uma vida sedentária (AGUIAR, Mário, 2019, declaração oral).

Mais uma vez é possível notar o alinhamento no discurso entre os membros envolvidos na confecção do GE Paraíba. Onde dá para perceber mais uma vez a

importância das pautas futebolísticas no teleesportivo quando existe a prerrogativa de sempre noticiar o dia a dia dos principais clubes de futebol de Campina Grande, Campinense e Treze, e que também há uma busca de um outro esporte para ser exibido na edição estadual.

**Gráfico 15: Porcentagem da participação das afiliadas no Globo Esporte Paraíba**



**Fonte: Do autor**

Dentre todas as cinco semanas analisadas, os dois menores programas foram registrados na sexta e sábado, dias 30 e 31. O programa da sexta teve duração de oito minutos e 18 segundos. Já a edição de sábado contou com o tempo de sete minutos e 23 segundos. A média semanal, puxada pelos dois últimos programas foi a menor das cinco semanas, ficando com o tempo de nove minutos e três segundos. Dá para se notar aqui, que mesmo a produção se mantendo fiel ao discurso de que buscam o programa o mais democrático possível, em relação à participação dos mais variados esportes, o fim do Campeonato Brasileiro da Série C, onde Botafogo e Treze faziam parte, e com a não classificação de nenhum dos times à fase seguinte, colabora com a grande diminuição do tempo de produção do Globo Esporte Paraíba.

Dos repórteres de João Pessoa, assim como nas semanas anteriores, Lucas Barros manteve sua média e apareceu nove vezes durante a semana. Dos profissionais de Campina Grande, o repórter Mário Aguiar fez três aparições e a repórter Laísa Grisi aparece uma vez. O editor Expedito Madruga produziu seis materiais, todos eles narrados por Kako Marques.

#### **4.6 ENTREVISTA E ANÁLISES**

Em entrevista feita a Expedito Madruga, coordenador de esportes da Rede Paraíba, ele deixou claro que “embora haja uma divisão natural entre o material

produzido pela TV, pelo portal [Globoesporte.com/pb](http://Globoesporte.com/pb) e a rádio CBN, há uma forte convergência dos materiais produzidos por cada um dos meios de comunicação”, e até mesmo exigência da Rede Globo, onde ela pede que o que for noticiado na TV seja repercutido no portal. E ainda segundo Expedito, esse compartilhamento de material é extremamente benéfico para o jornalismo, pois a mesma matéria pode ser oferecida ao consumidor de diversas maneiras e múltiplos formatos.

Seguindo o modelo dos noticiários esportivos brasileiros, onde o futebol é o carro-chefe, o Globo Esporte Paraíba já tem três matérias fixas quase que diariamente, que são os materiais sobre Botafogo, Campinense e Treze, quando estes estão disputando alguma competição. Tais times são os maiores do Estado tanto em quantidade de títulos estaduais quanto em torcida.

O Botafogo, de João Pessoa, lidera o rangink de conquistas estaduais com 31 títulos, seguido pelos times de Campina Grande, na seguinte ordem: Campinense com 21 conquistas e o Treze com 15 títulos. Além de disputarem o Campeonato Paraibano da primeira divisão, Botafogo e Treze disputam desde 2019 o Campeonato Brasileiro da terceira divisão, enquanto o Campinense disputa o Brasileiro da quarta divisão. Para Madruga,

Não só na Paraíba, mas em todo o Brasil, é evidentemente que o futebol irá ocupar o papel de protagonista dos programas esportivos, e o Globo Esporte não foge à regra. Mas nós tentamos ao máximo fazer programas equilibrados, onde possamos atender a demanda do telespectadores que gostam de futebol mas que também querem saber como andam os atletas do vôlei de praia, do ciclismo, do basquetebol. Nós sempre temos em mente fazer todo dia uma pauta de futebol e a segunda pauta de um outro esporte (MADRUGA, Expedito, 2019, declaração oral).

Segundo o coordenador de esportes, nessa busca sempre é procurado reportar qual o assunto que está em maior debate ou qual tema poderá assumir o protagonismo nas próximas horas. Ele sempre gosta de montar o Globo Esporte numa relação de 60 a 40 ou 70 a 30 por cento, na relação de futebol com os demais esportes. Percebe-se que o discurso é alinhado com os demais profissionais entrevistados. Para Mário Aguiar, repórter da TV Paraíba, destaca que,

A luta para escolher o que vai ficar reportagem é basicamente da mesma forma do jornalismo em geral. A gente tem que ter uma boa rede de contatos e tá em contato com essas fontes na busca de novidades. Além dos factuais, uma contratação, uma lesão de um jogador, um desfalque, uma mudança de treinador... Então, tudo isso, a gente tem que sentir o que é que o público, como torcedor, vai querer assistir no telejornal esportivo. A gente tem que se colocar no lugar do torcedor. O que é que eu queria saber

sobre meu time?! Mas basicamente há uma regrinha que os principais clubes, em termos de torcida, tem que ter uma notícia todos os dias, aqui na Paraíba são Botafogo, Campinense e Treze (AGUIAR, Mário, 2019, declaração oral).

E para selecionar quais os esportes que irão fazer esse equilíbrio com o futebol, a equipe de produção do Globo Esporte Paraíba leva em consideração a questão temporal. Os eventos mais próximos de acontecerem levam vantagem sobre os demais, o que demonstra a existência do valor-notícia de tempo.

Os atletas que irão ser pautas, como por exemplo um maratonista, são aproveitados em exibições quando não há tanta notícia nova. Isto ocorre quando não estão envolvidos em nenhum evento próximo. Esse tipo de prática no jornalismo televisivo é chamada de matéria fria, quando uma reportagem sem nenhum vínculo temporal pode ser aproveitada dias ou semanas após sua captura. Isto foi conferido na quarta semana analisada.

Podemos citar a reportagem exibida no dia 21 de agosto, que destacou o momento certo de colocar uma criança em alguma atividade esportiva, na reportagem foi usada como exemplo a prática da natação, nela falou-se dos principais benefícios causados pela natação e cuidados com a criança. A respeito disso, o repórter Lucas Barros, da TV Cabo Branco, explica,

O critério utilizado que a gente determina como acontecimento de uma reportagem é a importância dele. Seja uma conquista de uma medalha, seja uma competição que está por vir que seja importante, seja a chegada de um atleta, um reforço, então a gente vai avaliando qual o critério de noticiabilidade que é mais relevante pra gente poder tocar o material, seja uma transmissão que a gente vai fazer, a gente faz uma matéria de preparação pra valorizar ainda mais aquela transmissão ali pra poder chamar o maior número de pessoas (BARROS, Lucas, 2019, declaração oral).

Outro exemplo que podemos citar foi encontrado um dia depois, no dia 22 de agosto, onde a repórter Waléria Assunção, da TV Paraíba, conta a paixão de dois irmãos gêmeos que se apaixonaram pelo judô. Em nenhum momento foi abordado sobre futuras competições, mas apenas treinos para quando elas aparecerem, além de ressaltar competições já vencidas por eles. Nessa reportagem também foi abordada a dificuldade de conseguir patrocínios para a ajuda nos custos de viagens em competições.

Segundo Exedito, após a TV Paraíba não ter mais um programa voltado para as notícias de Campina Grande e regiões próximas, é responsabilidade da TV Cabo Branco fazer um programa de cobertura para todo o estado, ou seja, o grande desafio atual do

Globo Esporte é fazer com que toda a Paraíba se veja nele. O jornalista afirmou que para ele não é “nenhum incômodo” essa versão estadual, pois pra ele o “jornalismo é um só”, independentemente do local.

Ainda de acordo com Expedito, “a premissa básica do Globo Esporte é a ética e o compromisso com a verdade, e, a partir daí, identificar mecanismos que propicie a identificação de um morador de Cachoeira do Índios sobre a Copa de Bairros de João Pessoa”.

Aconteceu que tivemos que condensar dois programas em um. A TV Paraíba já tinha toda sua estrutura e maneira de se fazer o Globo Esporte de lá. E isso foi aproveitado, lógico que agora por eles mandarem todas as reportagens pra cá e daqui a gente exibir, não ficou tão abrangente quanto antes, é claro. Mas tentamos todos os dias dar espaço não só para os dois times de futebol de lá, Campinense e Treze, nas também para os demais destaques esportivos. Assim como aqui, a gente diminuiu ora o tempo das reportagens, entrevistas, sonoras, e até mesmo a quantidade, para que consigamos colocar um programa estadual em rede (MADRUGA, Expedito, 2019, declaração oral).

Embora os esforços de toda a equipe seja para um programa que alcance toda a demanda estadual, é evidente que a cobertura anterior dava mais privilégio para cada TV, a TV Cabo Branco e TV Paraíba, em suas abordagens locais. E podemos ver isso na fala do repórter Mário Aguiar.

Quando a gente na Paraíba tinha dois Globo Esportes, um em Campina Grande e outro em João Pessoa, a abordagem era maior e diversificada, e conseqüentemente, mais profunda. Com essa mudança, temos poucos minutos de produção para exibir os principais acontecimentos daqui de Campina Grande. É uma perda grande. Como sempre temos que falar Treze e/ou Campinense, sobra que raramente dá para encaixar um outro esporte, a não ser que um time daqui não participe de alguma competição no segundo semestre, e assim, falando só de uma, dá espaço para abordamos um outro esporte (AGUIAR, Mário, 2019, declaração oral).

Os demais esportes, sejam eles olímpicos ou não, como patinação, kitesurf, ciclismo e vôlei de praia, por exemplo, devem estar presentes diariamente no Globo Esporte, pois para Expedito, essa é uma das marcas do Globo Esporte em âmbito nacional, que sempre deve ser seguida à risca. Na visão dele, representa um forte elo de aproximação com o telespectador, ver na televisão uma modalidade que ele pratica, pois isso contribui para aumentar o interesse da população. Madruga destaca:

A gente sempre tenta fazer o mais próximo do 50 a 50. É evidente, que por termos três grandes clubes de futebol da Paraíba, que são o Botafogo, Campinense e Treze, haverá uma pauta por dia para eles, a não ser que eles não estejam disputando nenhuma competição. A partir daí, temos que fazer o jogo do equilíbrio para podermos encaixar os demais esportes na pauta

do dia. Infelizmente nem sempre dá para fazer o que a gente tem como meta, o meio a meio, mas é uma busca constante de toda a equipe de fazer um Globo Esporte que seja vitrine para todas as modalidades esportivas (MADRUGA, Expedito, 2019, declaração oral).

Madruga também pontua que grandes nomes dos esportes paralímpicos, como Petrúcio Ferreira, campeão mundial e olímpico, “cavam” sua participação no Globo Esporte, pois não existe uma concessão de pauta por pena, mas sim uma obrigação jornalística de registrar um acontecimento de destaque.

Sobre a rotina diária em busca de pautas, Expedito destaca ainda que sempre pede às equipes de esportes para buscarem o diferencial a cada matéria. Seja um torcedor caricato, no jogo ou no treino, e sobre sempre ficarem atentos à efemeridade, tais como aniversário de clubes, números de jogos de um determinado jogador por um clube, entre outras pautas. Esses olhares são importantes para que assim consiga atrair também aquele torcedor que já sabe o resultado, já viu os gols em uma rede social e sabe quais jogadores foram expulsos ou se lesionaram, por exemplo.

A entrevista com os profissionais Expedito Madruga, Lucas Barros e Mário Aguiar demonstra algumas questões que já tínhamos identificado nas análises, como por exemplo, a futebol ser o esporte mais dominante nas pautas do Globo Esporte da TV Cabo Branco. Mas este processo foi importante para compreendermos outras questões, como por exemplo, que mesmo diante das falas dos três entrevistados, que afirmam que buscam fazer um programa sempre equilibrado, notamos um grande domínio das pautas relacionadas ao universo do futebol, pois não apenas os jogos são noticiados, mas a preparação para cada partida, a reação dos atletas e torcida após cada jogo, assim como curiosidades da vida pessoal dos jogadores. Outras observações serão observadas a seguir.

## 5. CONCLUSÃO

Com base na análise das 24 edições assistidas, das entrevistas realizadas com o editor e os repórteres do Globo Esporte da Paraíba, podemos afirmar que os critérios substantivos de noticiabilidade, propostos por Wolf (2003) e Traquina (2008), são os que mais influem no processo de escolha dos assuntos a serem noticiados no Globo Esporte Paraíba. E o principal critério de noticiabilidade dos editores do Globo Esporte Paraíba é o interesse da audiência. Durante o período analisado, observou-se, no entanto, que esse saber do interesse da audiência não está baseado em nenhum dado científico ou pesquisa com o público.

Um outro fator decisivo na escolha dos acontecimentos que irão virar notícia é a disponibilidade de um personagem ser entrevistado. Em todas as reportagens analisadas sempre houve alguém para que o repórter fizesse alguma pergunta ou pedisse algum comentário sobre determinado acontecimento. Também mesmo nas entradas ao vivo foi sempre presente alguém para falar sobre uma modalidade que estava acontecendo no momento da exibição do programa, como foi o caso do tênis de areia ou beach tênis, onde o repórter Lucas Barros fez uma transmissão ao vivo com o organizador do evento que acontecia concomitantemente em que o Globo Esporte Paraíba estava sendo exibido.

Mas houve também situações onde o personagem central da reportagem estava em outro continente. Foi o que aconteceu no dia 29 de agosto de 2019. Neste dia, após o paraibano Matheus Cunha ter sido indicado pela FIFA a concorrer como o gol mais bonito do mundo, a equipe de reportagem foi à casa do atleta, em João Pessoa, na Paraíba, e falou sobre a emoção da nomeação com a família e inseriu a participação de Matheus Cunha, atleta do RB Leipzig, da Alemanha, por meio de um aplicativo de mensagens instantâneas onde a conversa via vídeo entre o atleta e a equipe de reportagem foi gravada e inserida na reportagem.

As situações acima servem como exemplo da busca por um Globo Esporte cada dia mais dinâmico e que fuja de ser, em sua totalidade, voltado ao universo do futebol, mesmo sabendo que o carro-chefe dos programas esportivos seja o futebol. Em todas as edições analisadas, notamos que caso as três principais equipes de futebol do estado estivessem envolvidas em alguma competição, quais sejam Botafogo, Campinense e Treze, haveria ao menos uma nota coberta sobre eles. E a partir daí haveria o preenchimento do programa com as demais modalidades.

Levando em consideração tudo o que foi acima exposto, é possível concluir que

os programas analisados seguem, a sua maneira, os moldes do Padrão Globo de Jornalismo Esportivo, em que há uma constante tentativa de equilíbrio de força entre os esportes noticiados, sempre busca-se algo de peculiar, engraçado, histórico ou desconhecido nas reportagens para que se fuja do lugar comum e exista uma diferença de conteúdo do mesmo acontecimento noticiados pelos programas esportivos de emissoras concorrentes como o da TV Correio (afiliada da TV Record) e TV Manaira (afiliada da TV Bandeirantes)

Durante esta pesquisa foram entrevistados Exedito Madruga, coordenador de esportes da TV Cabo Branco e editor-chefe do Globo Esporte Paraíba, Lucas Barros, repórter do Globo Esporte em João Pessoa, e Mário Aguiar, repórter do Globo Esporte em Campina Grande, a fim de saber quais os critérios de noticiabilidade a equipe usa na busca por notícias e as funções de cada um no processo de garimpagem de informações do Globo Esporte.

As entrevistas mostraram um discurso alinhado dos entrevistados, que reconhecem no futebol o carro-chefe do Globo Esporte Paraíba, ao mesmo tempo uma busca para equilibrar a participação dos mais variadas modalidades esportivas no jornalístico, para que o programa não seja composto em sua grande maioria por notícias advindas do futebol. Para uma melhor apresentação dos dados colhidos na análise das 24 edições do Globo Esporte Paraíba, exibidas no mês de agosto de 2019, que buscamos tratar e apresentar as informações em gráficos, de elaboração própria.

Mas, ao analisarmos os dados colhidos sobre o Globo Esporte Paraíba, um total de 69,2% de sua produção foi voltada para notícias do futebol. Sejam elas resultados ou preparação de jogos, notícias destacando algum feito individual de um determinado atleta ou sua rotina de trabalho em algum tratamento de lesão. Ou até mesmo quando o assunto é o novo corte de cabelo de um jogador de futebol ou um apelido engraçado que ganhou da torcida ou colegas de profissão. Tudo o que envolve o universo do futebol é passível de se tornar uma notícia.

Diante disso, notamos que há uma diferença entre o discurso pelos responsáveis da produção do jornalístico e o resultado final do programa, onde o futebol ocupa a maioria do tempo de produção em relação aos demais esportes, sem necessariamente haver uma metodologia, estudo ou pesquisa que justifique esta equação, partindo apenas do senso comum de que o público prefere as notícias do universo do futebol.

A despeito da análises feitas por esta pesquisa, e diante da conclusão de o Globo Esporte Paraíba busca ser o mais democrático possível, bem como segue os moldes do

Globo Esporte nacional, este trabalho não contempla outras variantes e pormenores presentes no programa, como por exemplo, a rotina de trabalho dos jornalistas do Globo Esporte, a estrutura que dispõe o Globo Esporte, dentro da própria TV Cabo Branco em relação às demais editorias e telejornais. No entanto, entende-se que esta pesquisa cumpriu os objetivos propostos e contribuiu com os estudos acerca dos valores notícia que regem o telejornalismo local, sobretudo o Globo Esporte Paraíba, objeto de investigação desta dissertação.

Diante disso, recomendamos, no futuro, um estudo cada vez mais aprofundado e constante, para se entender a evolução do mais antigo e assistido programa de esportes da Paraíba, que serve de parâmetro para entendermos qual o andamento desta editoria no telejornalismo paraibano.

## 6. REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Mário. Entrevista via WhatsApp. [mensagem pessoal]. Em: 20 dez. 2019.
- ALCOBA, Antonio. **Deporte y Comunicación**. Madrid: Dirección General de Deportes de la Comunidad Autónoma de Madrid, 1984. 379 p.
- ASSIS, Francisco de. **Imprensa do interior: conceitos e contextos**. São Paulo: Argos, 2013.
- BAHIA, Benedito Juarez. Jornal, **História e Técnica** - Vol. 1 - História da Imprensa Brasileira. São Paulo: Mauad, 1990.
- BARBEIRO, H; RANGEL, P. **Manual do Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70; 1977.
- BARROS, Lucas. Entrevista via WhatsApp. [mensagem pessoal]. Em: 27 dez. 2019.
- BERELSON, Bernard Reuben. **Content analysis in communication research**. New York: Hafner; 1984.
- BERGAMO, Alexandre. **A reconfiguração do público**. In: História da televisão no Brasil: do início aos dias de hoje. Ana Paula Goulart Ribeiro, Igor Sacramento, Marco Roxo (organizadores). São Paulo: Contexto, 2010.
- BORELLI, Viviane. **O esporte como uma construção específica no campo jornalístico**. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002. Acesso <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/ea984db34c55cfc94d2f75bb662887f6.pdf>> em 28 de abril de 2020.
- BUCCI, Eugênio. **Brasil em tempo de TV**. São Paulo: Boitempo Editorial. 1997
- CAMPONEZ, Carlos. **Jornalismo regional: proximidade e distâncias. Linhas de reflexão sobre uma ética de proximidade no jornalismo**, In: CORREIA. J.C. Ágora. Jornalismo de proximidade: Limites, desafios e oportunidades. Covilhã: Labcom, 2012.
- COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2003.
- DEJAVITE, Fábila Angélica. **Infotainment nos impressos centenários brasileiros**. Estudos em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, v.5, n.1, 1º. Semestre de 2008, p.39-50. Disponível em <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/10676>> Acesso em 14 de fevereiro de 2019.

- DUARTE, Rosália. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. Educar, Curitiba, n. 24, 2004. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/educar/article/view/2216/1859>>. Acesso em: 13 de novembro de 2016.
- FAUSTO NETO, Antônio. **Transformações do jornalismo na sociedade em vias de midiaticização**. In: FAUSTO NETO, Antônio. FERNANDES, José David Campos (Orgs). In: Interfaces Jornalísticas: Ambientes, tecnologias e linguagens. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011, p. 14-34.
- FELICE, De Mauro. **Jornalismo de Rádio**. Brasília: Thesaurus, 1981.
- FERNANDES, Mario Luiz; SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo da (Orgs.). **Critérios de noticiabilidade** – problemas conceituais e aplicações. Florianópolis: Insular, 2014.
- FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa Franco. **O que é análise de conteúdo**. São Paulo: PUC, 1986.
- GANS, Herbert. J. **Deciding what's news: a study on CBS Evening news, NBC nightly news, Newsweek and Time**. Evanston: Northwestern University Press, 1979.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GODOY A. S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. Revista de Administração de Empresas, 1995, 57-63.
- GOLDING, P.; ELLIOTT, P. **Making the news**. London: Longman, 1979.
- GUERRA, Josenildo L. Uma discussão sobre o conceito de valor-notícia, In: SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo da; FERNANDES, Mario Luiz (orgs) **Critérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações**. Florianópolis: Insular, 2014.
- GUERRA, Márcio de Oliveira. **Jornalismo Esportivo e Identidade: um olhar sobre o caso de Juiz de Fora**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Vitória, ES – 13 a 15 de maio de 2010.
- HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. **Análise de conteúdo em jornalismo**. In: LAGO, Claudia; BENETTI, Marcia (Orgs.). Metodologia de pesquisa em jornalismo. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 123 –142.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE OPINIÃO PÚBLICA E ESTATÍSTICA. **Esporte Clube Ibope Media 2011**. Disponível em: <<http://www.ibope.com/maximidia2011/>>. Acesso em: janeiro 2020.
- KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia – estudos culturais: identidade e política**

entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: EDUSC, 2001.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os Elementos do jornalismo**. O que os jornalistas devem saber e o público exigir. São Paulo: Geração, 2003.

MADRUGA, Expedito. Expedito Madruga: depoimento [agosto 2019]. Entrevistador José Nunes Vieira Neto. João Pessoa: Vieira Neto. 1 arquivo sonoro em mp3. Entrevista concedida para produção desta pesquisa.

MARQUES, 2012, apud NETO, José Nunes Vieira.: MEIRELES, Norma.

**Apresentação do Globo Esporte: do nacional ao local**. In: SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO, 25., 2012, Fortaleza Anais... Fortaleza: Unifor, 2012. 1 CD ROM 48

MESSA, Fábio de Carvalho. **Jornalismo esportivo não é só entretenimento**. In: Anais do 8º Fórum Nacional de Professores de Jornalismo. Maceió, 2005, p. 1-8. Disponível em <<http://www.fnnpj.org.br/dados/grupos/jornalismo-esportivo-nao-e-so-entretenimento%5B169%5D.pdf>> Acesso em 15 de janeiro de 2019.

MOREIRA, Fabiane Barbosa. **Os valores-notícia no jornalismo impresso**. Porto Alegre, 2006.

NETO, José Nunes Vieira.: MEIRELES, Norma. **Apresentação do Globo Esporte: do nacional ao local**. In: SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO, 25., 2012, Fortaleza Anais... Fortaleza: Unifor, 2012. 1 CD ROM 48

OSELAME, Mariana Corsetti. Padrão **Globo de Jornalismo Esportivo**. Famecos, Porto Alegre, n.24, 2010. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/view/9026/6249>>. Acesso em: 18 de outubro de 2018.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2005. Famecos, Porto Alegre, n.24, 2010. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/view/9026/6249>>. Acesso em: 18 março de 2019.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na tv – manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

PECENIN, Marcelo Fila. Discurso, futebol e identidade nacional na Copa do Mundo de 1994. In: **Estudos Lingüísticos** XXXVI(3), setembro-dezembro, 2007. p. 81-90. PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2012.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2008.

PEREIRA, Mauro Cezar. **Entrevistas**. Disponível em: <<http://www.ludopedio.com.br/entrevistas/mauro-cezar-pereira>> Acesso em: 24 de novembro de 2018.

RANGEL, Patrícia. Globo Esporte São Paulo: Ousadia e Experimentalismo no Telejornal Esportivo; In: **SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO**, 11., 2009, Curitiba Anais... Curitiba: Positivo, 2009.

REIS, Carolina. GURGEL, Anderson. Central da Copa – a informação e o entretenimento na cobertura de um espetáculo esportivo. In: **XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste** – Intercom. Anais. São Paulo, SP. 2011

RIBEIRO, André. **Os Donos do espetáculo**. Histórias da imprensa esportiva no Brasil. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

RIBEIRO, Elisa Antônia. **A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa**. Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais, Araxá/MG, n. 04, p.129-148, maio de 2008.

SILVA, C. R., GOBBI, B. C., & SIMÃO, A. A. **O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa**: Descrição e aplicação do método. Organizações Rurais Agroindustriais, 2005, 70-81.

SILVA, Gislene. Para pensar os critérios de noticiabilidade. In: SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo da; FERNANDES, Mario Luiz (Orgs.). **Critérios de Noticiabilidade** – problemas conceituais e aplicações. Florianópolis: Insular, 2014. p. 51-70.

SILVERSTONE, R. **Televisión y vida cotidiana**. Amorrortu editores: Buenos Aires. 1994.

SHOEMAKER, Pamela J. **Teoria do gatekeeping: seleção e construção da notícia**. /Pamela J. Shoemaker, Tim P. Vos; Tradução: Vivian Nickel; revisão técnica: Márcia Bernetti. – Porto Alegre: Penso, 2011.

SILVA, Marcos Paulo da. Seleção noticiosa, critérios de noticiabilidade e valoresnotícia, In: SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo da; FERNANDES, Mario Luiz (orgs) **Critérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações**. Florianópolis: Insular, 2014.

SOUSA, Jorge Pedro. **Por que as notícias são como são?** Construindo uma teoria da notícia. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-construindo-teoria-da-noticia.pdf>> Acesso em: 24 de abril de 2020.

SQUIRRA, Sebastião Carlos de Moraes. **Âncora no telejornalismo norte-americano e brasileiro**: Análise comparativa. São Paulo, 1992.

- STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa Bibliográfica. In: **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (orgs). São Paulo: Atlas, 2010.
- STYCER, Maurício. **A história do Lance! - projeto e prático do jornalismo esportivo**. São Paulo: Alameda, 2009.
- TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. “O time está dando o melhor de si” – Aspectos do esporte na programação da televisão brasileira. In: MORAES, O. J. ; MARQUES, J. C. (Orgs), **Esporte na idade média: diversão, informação e educação**. São Paulo: Intercom, 2012, pp. 285–312.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 3. ed. Ver. 2012.
- TUCHMAN, Gaye. **La producción de la noticia**. Estudio sobre la construcción de la realidad. Barcelona: Gustavo Gili, 1983.
- VIZEU, Alfredo. O Newsmaking e o trabalho de campo, In: LAGO, Cláudia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**/Claudia Lago, Márcia Benetti (orgs) – 2ªed. Petrópolis, RJ:Voices, 2008.
- WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

## 7. APÊNDICE

### ENTREVISTAS

#### **Mário Aguiar, repórter da TV Paraíba e do Globo Esporte Paraíba**

##### **1. Quais são suas funções e atribuições no GE (televisão)?**

Eu era editor do Globo Esporte da TV Paraíba e gerenciava o conteúdo esportivo dos telejornais na TV Paraíba, em Campina Grande.

##### **2. Sabemos que o futebol é o carro chefe dos noticiários esportivo por quase todo o Brasil, então, como se dá a escolha do que será abordado nas reportagens sobre futebol, para evitar o lugar comum?**

De fato, o futebol é o carro-chefe de praticamente todo programa de esporte do Brasil. Porque é o esporte mais apaixonante para os brasileiros, só que existe uma luta diária no Globo Esporte, para trazer algo de diferente do que é o censo comum numa cobertura diária de um clube de futebol. A gente sempre busca trazer gancho que deixe o telespectador mais preso à televisão, porque com as redes sociais o torcedor já tem acesso à informação, qual o placar, quem fez os gols... Então a gente tem que trazer algo novo, algo curioso, um jogador que tenha uma habilidade diferenciada, a história de vida de um jogador, um fato curioso dentro do treinamento, algo engraçado, uma palavra dita num treino, uma imagem diferente, é o gancho para uma matéria diferenciada que vai prender o torcedor na frente da televisão.

##### **3. Como é o trabalho diário na busca e garimpagem por informação e na escolha do que irá se tornar uma reportagem para o GE?**

A luta para escolher o que vai ficar reportagem é basicamente da mesma forma do jornalismo em geral. A gente tem que ter uma boa rede de contatos e tá em contato com essas fontes na busca de novidades. Além dos factuais, uma contratação, uma lesão de um jogador, um desfalque, uma mudança de treinador... Então, tudo isso, a gente tem que sentir o que é que o público, como torcedor, vai querer assistir no telejornal esportivo. A gente tem que se colocar no lugar do torcedor. O que é que eu queria saber sobre meu time?! Mas basicamente há uma regrinha que os principais clubes, em termos de torcida, tem que ter uma notícia todos os dias, aqui na Paraíba são Botafogo, Campinense e Treze.

#### **4. Como vocês trabalham a questão do equilíbrio dos mais variados esportes no GE?**

Apesar de o futebol ser o carro-chefe dentro dos telejornais esportivos, a gente busca também dar espaço a outros esportes, nem que seja esporte amador, porque o esporte tem uma função social muito importante dentro da sociedade. A partir do momento que a gente mostra pessoas praticando judô, karatê, kitesurf, vôlei de praia, que são esportes menos midiáticos mas a gente tá incentivando a população de uma forma geral a praticar esses esportes. Às vezes, esses esportes estão mais perto da realidade das pessoas do que o futebol. Então, a gente busca dá um complemento com outros esportes nas matérias para dar uma mesclada, para não ficar só futebolês. A gente não pode esquecer que tem outras pessoas que não gostam de futebol mas gostam de outros esportes.

#### **5. Qual o principal critério utilizado que determina qual acontecimento esportivo irá se tornar uma reportagem?**

O principal critério para fazer a cobertura de um evento esportivo é o interesse do público. A partir do momento que a gente sente que aquele evento esportivo vai gerar o interesse do público a gente faz a mobilização para mandar uma equipe de reportagem para fazer a cobertura. Como é, por exemplo, com os jogos de futebol. O futebol é um evento esportivo que tem o apelo popular grande e as pessoas irão querer assistir. Então, a gente manda a equipe para que no mesmo dia ou no outro dia as pessoas possam ver os melhores momentos ou os gols, e também os outros esporte, se for uma ideia legal, uma iniciativa boa que vai incentivar as pessoas, passar uma mensagem boa, a gente manda a equipe para que esteja na televisão esses bons exemplos. O jornalismo esportivo é muito disso, passar uma boa mensagem, incentivar as pessoas.

#### **6. Houve muita mudança no trabalho de produção das matérias, quando o GE passa de local para estadual?**

Quando a gente na Paraíba tinha dois Globo Esportes, um em Campina Grande e outro em João Pessoa, a abordagem era maior e diversificada, e conseqüentemente, mais profunda. Com essa mudança, temos poucos minutos de produção para exibir os principais acontecimentos daqui de Campina Grande. É uma perda grande. Como sempre temos que falar Treze e/ou Campinense, sobra que raramente dá para encaixar um outro esporte, a não ser que um time daqui não participe de alguma competição no segundo semestre, e assim, falando só de uma, dá espaço para abordamos um outro esporte.

## **Lucas Barros, repórter da TV Cabo Branco e do Globo Esporte Paraíba**

### **1. Quais são suas funções e atribuições no GE (televisão)?**

Eu sou repórter do Globo Esporte e também trabalho na produção, produzindo pauta, marcando, enfim... E também escrevo reportagens para o Globoesporte.com, né. E faço participação na rádio CBN. Então, essa integração do jornalismo multiplataforma.

### **2. Sabemos que o futebol é o carro chefe dos noticiários esportivo por quase todo o Brasil, então, como se dá a escolha do que será abordado nas reportagens sobre futebol, para evitar o lugar comum?**

A gente sempre tenta buscar uma história nova, é claro. Por exemplo, o Botafogo sempre escala um jogador para a entrevista coletiva. Nessa semana o escolhido foi o técnico. No primeiro jogo do Botafogo em 2020 o técnico irá completar 60 jogos com o Botafogo. Se ele mantiver no time até o final da temporada, ele irá atingir uma marca expressiva de 100 jogos à frente do clube. Então, a gente vê quem é o entrevistado, e aí a gente vai buscar uma história dele, se ele é o artilheiro do campeonato, se ele faz parte da defesa menos vazada, se a defesa está sofrendo gols. Então, a gente sempre vai buscar uma história para poder contar e trazer algo atrativo para o telespectador.

### **3. Como é o trabalho diário na busca e garimpagem por informação e na escolha do que irá se tornar uma reportagem para o GE?**

A gente sempre recebe muita pauta ao longo do dia. E aí a gente vê o que é mais importante. E a gente também acompanha os paraibanos que vão competir fora daqui. A gente sempre avalia o que é mais destaque. Um atleta que ganhou uma etapa do circuito brasileiro de vôlei de praia, ou foi medalha de prata ou de bronze ou foi campeão no judô, enfim, a gente faz dessa forma. E a gente tem duas pautas por dia sendo uma sempre futebol.

### **4. Como vocês trabalham a questão do equilíbrio dos mais variados esportes no GE?**

A gente tem o futebol como carro-chefe e aí gente prioriza a primeira pauta ou a segunda ser uma de futebol... E é sempre uma pauta de futebol e uma pauta de outro esporte pra gente buscar dar esse equilíbrio e dar essa variada nos materiais que a gente produz.

**5. Qual o principal critério utilizado que determina qual acontecimento esportivo irá se tornar uma reportagem?**

O critério utilizado que a gente determina como acontecimento de uma reportagem é a importância dele. Seja uma conquista de uma medalha, seja uma competição que está por vir que seja importante, seja a chegada de um atleta, um reforço, então a gente vai avaliando qual o critério de noticiabilidade que é mais relevante pra gente poder tocar o material, seja uma transmissão que a gente vai fazer, a gente faz uma matéria de preparação pra valorizar ainda mais aquela transmissão ali pra poder chamar o maior número de pessoas.

**6. Houve muita mudança no trabalho de produção das matérias, quando o GE passa de local para estadual?**

Continua da mesma forma. Não mudou nada com relação ao trabalho. João Pessoa continua produzindo por aqui e Campina Grande por lá. Aí eles enviam as matérias aqui e daqui a gente exhibe

## **Expedito Madruga, editor do Globo Esporte Paraíba**

### **1. Quais são suas funções e atribuições no GE (televisão)?**

Eu sou coordenador de esportes da Rede Paraíba, assim, tenho que estar ciente de toda a produção de esportes no rádio, no impresso, que agora é digital, no portal [Globoesporte.com/pb](http://Globoesporte.com/pb) e também no material exibido não só na Globo Esporte, mas também em todos os jornais, seja Bom dia, Paraíba, JP1 e JP2. No Globo Esporte eu exerço a função de editor, mas é feito, não só nele, mas em toda a rede, um trabalho conjunto que tem como missão informar os paraibanos de todos os acontecimentos esportivos com muita ética e verdade.

### **2. Sabemos que o futebol é o carro chefe dos noticiários esportivo por quase todo o Brasil, então, como se dá a escolha do que será abordado nas reportagens sobre futebol, para evitar o lugar comum?**

Não só na Paraíba, mas em todo o Brasil, é evidentemente que o futebol irá ocupar o papel de protagonista dos programas esportivos, e o Globo Esporte não foge à regra. Mas nós tentamos ao máximo fazer programas equilibrados, onde possamos atender a demanda do telespectadores que gostam de futebol mas que também querem saber como andam os atletas do vôlei de praia, do ciclismo, do basquetebol. Nós sempre temos em mente fazer todo dia uma pauta de futebol e a segunda pauta de um outro esporte.

### **3. Como é o trabalho diário na busca e garimpagem por informação e na escolha do que irá se tornar uma reportagem para o GE?**

O que nós sempre buscamos são as novidades. E para isso a gente fica atento às minuciosidades do dia a dia. Por exemplo, pode parecer banal a cobertura diária dos treinos do Botafogo, mas sempre tentamos buscar uma estatística de um atleta que está perto de fazer 100 jogos ou se o goleiro está a quase 500 minutos sem sofrer gols. Além disso, atletas que vencem etapas nacionais ou internacionais, seja de que esporte for, sempre tentamos fazer uma matéria com eles.

### **4. Como vocês trabalham a questão do equilíbrio dos mais variados esportes no GE?**

A gente sempre tenta fazer o mais próximo do 50 a 50. É evidente, que por termos três

grandes clubes de futebol da Paraíba, que são o Botafogo, Campinense e Treze, haverá uma pauta por dia para eles, a não ser que eles não estejam disputando nenhuma competição. A partir daí, temos que fazer o jogo do equilíbrio para podermos encaixar os demais esportes na pauta do dia. Infelizmente nem sempre dá para fazer o que a gente tem como meta, o meio a meio, mas é uma busca constante de toda a equipe de fazer um Globo Esporte que seja vitrine para todas as modalidades esportivas.

**5. Qual o principal critério utilizado que determina qual acontecimento esportivo irá se tornar uma reportagem?**

A gente sempre busca noticiar os acontecimentos mais recentes e importantes. Dia de jogo e pós jogo de futebol, é básico a gente fazer um resumo das partidas, os destaques dos jogos, quem brilhou, quem fez coisa feia. E assim também é para os outros esportes. Um paraibano que venceu o sulamericano de natação, uma paraibana que foi medalha de bronze no brasileiro de salto à distância sub-19. São essas coisas que buscamos noticiar.

**6. Houve muita mudança no trabalho de produção das matérias, quando o GE passa de local para estadual?**

Aconteceu que tivemos que condensar dois programas em um. A TV Paraíba já tinha toda sua estrutura e maneira de se fazer o Globo Esporte de lá. E isso foi aproveitado, lógico que agora por eles mandarem todas as reportagens pra cá e daqui a gente exibir, não ficou tão abrangente quanto antes, é claro. Mas tentamos todos os dias dar espaço não só para os dois times de futebol de lá, Campinense e Treze, mas também para os demais destaques esportivos. Assim como aqui, a gente diminuiu ora o tempo das reportagens, entrevistas, sonoras, e até mesmo a quantidade, para que consigamos colocar um programa estadual em rede.